

INÉS SANTOS PEREIRA

# **FUNCIONAMENTO FAMILIAR, RESILIÊNCIA E COPARENTALIDADE**

Estudo com pais e mães em famílias com e sem divórcio



ESCOLA SUPERIOR DE ALTOS ESTUDOS

**Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica**

Área de Especialização em Terapias Familiares e  
Sistémicas

COIMBRA, 2022



**Funcionamento familiar, resiliência e coparentalidade  
Estudo com pais e mães em famílias com e sem divórcio**

INÊS SANTOS PEREIRA

Dissertação Apresentada ao ISMT para Obtenção do Grau de Mestre em Psicologia Clínica  
Ramo de Especialização em Terapias Familiares e Sistémicas

**Orientadora:** Professora Doutora Joana Sequeira, Professora Auxiliar, ISMT

**Coimbra, julho 2022**



## **Agradecimentos**

Acredito que as pessoas que se vão cruzando connosco durante a nossa caminhada são quem vão dando um outro significado à nossa vida. Por isso, quero que essas pessoas saibam o quanto lhes estou agradecida por tudo o que acrescentaram e continuam a acrescentar ao meu percurso de vida.

À minha professora e orientadora Doutora Joana Sequeira. Agradeço o seu investimento neste projeto, à sua capacidade de analisar cada entrelinha que me permitiu refletir e evoluir. Agradeço também por ter tido um papel crucial no meu embrionário percurso profissional com as famílias. É, realmente, uma pessoa e profissional que admiro.

À professora Dr.<sup>a</sup> Gabriela Fonseca e Doutora Madalena Alarcão pela disponibilidade e partilha de conhecimentos cruciais para a realização deste projeto.

Aos meus pais e irmão que sempre me deram colo (do qual eu não dispenso) e que me permitem sentir que a família é, verdadeiramente, o meu porto seguro. A eles que me amparam em todos os momentos de desânimo e que me dão força para manter a convicção de que cada esforço vale a pena.

À minha prima Cris. Ela que é um exemplo de sabedoria e me abriu os horizontes com o seu conhecimento.

À minha família. Ela que me permite sonhar, me apoia incondicionalmente e me lembra de olhar para o futuro de sorriso no rosto.

Ao meu anjo da guarda, avó Pureza. Ela que será sempre um exemplo de resiliência e amor puro.

Ao meu companheiro de viagem. Ele que percebe os meus silêncios, os meus objetivos e que acredita sempre em mim. Ele que me ensina a parar para desfrutar o sabor da vida.

Aos meus amigos. Eles que me deram força ao longo deste caminho. Às minhas colegas de curso Mariana Santos, Carolina Freixo, Carina Santos, Inês Santos e Gertrudes Sprânger. Elas que, com certeza, sabem onde me encontrar.

Aos participantes, pais e mães, que partilharam informação nem sempre fácil de responder e imprescindível para a realização deste estudo.

*A todos os que se cruzaram comigo neste caminho,*

*Obrigada!*



## **Resumo**

**Objetivo:** O presente estudo pretende analisar o funcionamento familiar, resiliência e coparentalidade em famílias nucleares intactas e famílias que passaram por processo de separação/ divórcio.

**Metodologia:** Participaram nesta investigação 347 pais com idades compreendidas entre os 22 e os 64 anos de idade e que têm, pelo menos, 1 filho a viver consigo em Portugal. Os instrumentos aplicados foram o questionário de dados sociodemográfico e familiares, a Family Adaptability and Cohesion Evaluation Scale IV (FACES-IV), o Walsh Family Resilience Questionnaire (WFRQ) e o Coparenting Questionnaire (QC).

**Resultados:** Os pais e mães em União de facto/ Casados e Solteiros que coabitam com cônjuge e filho(s) percecionam um funcionamento mais equilibrado, uma perceção mais positiva da comunicação, uma maior satisfação familiar, uma perceção de maior resiliência e maiores níveis de cooperação. Nas situações de separação/ divórcio observa-se menor cooperação maior conflito e triangulação dos filhos.

**Conclusão:** conclui-se a necessidade de atender preventiva e clinicamente aos desafios que o divórcio comporta promovendo a coesão e flexibilidade no contexto de crise, de forma a potenciar a sua resiliência e uma coparentalidade funcional e consciente. Sendo o conflito parental um fator deteriorante do bem-estar e adaptação das crianças e dos pais, sublinha-se a importância de intervir diretamente no sentido de gerir de forma positiva e evitar a triangulação das crianças e promover uma cooperação parental.

**Palavras-chave:** Divórcio; Funcionamento Familiar; Resiliência Familiar; Coparentalidade.

## **Abstract**

**Objective:** The objective of this study was to evaluate family functioning, family resilience and co-parenting in nuclear families and in families that went through a separation process/divorce.

**Methodology:** In this study participated three hundred forty seven parents (347) with ages between 22 and 64 who had, at least, one child living with them In Portugal. The instruments applied were the socio-demographic and family data questionnaire, the Family Adaptability and Cohesion Evaluation Scale IV (FACES-IV), the Walsh Family Resilience Questionnaire (WFRQ) and the Co-Parenting Questionnaire (QC).

**Results:** Cohabiting couples, married and single who live with their partner and children perceived more balanced functioning, positive communication, higher family satisfaction, greater resilience and higher cooperation levels. Participants that went through a divorce/separation, perceive less cooperation, higher conflict and triangulation of children.

**Conclusion:** This study points the importance of focusing on preventive and clinical interventions to address challenges that the divorce brings, while promoting cohesion and flexibility across crises. The interventions should promote family resilience and functional and conscious co-parenting. As parental conflict is a deteriorating factor in the well-being and adaptation of children and parents, the importance of directly address this families to help them manage it positively an avoid children's triangulation and promoting parental cooperation, is underlined.

**Keywords:** Divorce; Family Functioning; Family Resilience; Co-Parenting

## **Índice**

Introdução .....	1
Materiais e Métodos.....	7
Objetivos .....	7
Tipo de estudo .....	7
Procedimentos .....	14
Instrumentos .....	14
Questionário de dados sociodemográficos e familiares .....	14
Family Adaptability and Cohesion Evaluation Scale (FACES-IV) .....	14
Walsh Family Resilience Questionnaire.....	19
Coparenting Questionnaire .....	20
Análise Estatística .....	21
Resultados .....	22
Discussão dos resultados.....	38
Conclusões .....	43
Referências Bibliográficas .....	46



## **Índice de Apêndices**

**Apêndice A** – Subescalas equilibradas da FACES-IV (N = 347)

**Apêndice B** – Subescalas desequilibradas da FACES-IV (N = 347)

**Apêndice C** – Subescalas da comunicação e satisfação da FACES-IV (N = 347)

**Apêndice D** – Perfil dos participantes: resultados das subescalas da FACES-IV (N = 347)

**Apêndice E** – Subescalas equilibradas e desequilibradas da FACES-IV e etapa do ciclo vital (N = 347)

**Apêndice F** – Subescalas da comunicação e satisfação da FACES-IV e etapa do ciclo vital (N = 347)

**Apêndice G** – Dimensões da WFRQ e etapa do ciclo vital (N = 347)

**Apêndice H** – Dimensões da Coparentalidade e etapa do ciclo vital (N = 347)

## Introdução

Este estudo pretende analisar o funcionamento familiar (coesão, flexibilidade, satisfação e comunicação), resiliência (sistema de crenças, padrões organizacionais, comunicação e resolução de problemas) e coparentalidade (cooperação, conflito e triangulação) em famílias nucleares intactas e famílias que passaram por processo de separação/ divórcio (famílias binucleares).

Em Portugal, nas últimas décadas, a taxa de divórcio tem aumentado gradualmente, mas, nos últimos 10 anos, a tendência dos divórcios tem sido, maioritariamente, decrescente. Os dados mais recentes indicam que, no ano de 2020, foram contabilizados menos 2 519 divórcios que em 2019, uma queda de 15.8%. Em 2019, esta queda foi de 2.14% e, em 2018, de 1.35% (Instituto Nacional de Estatística, 2020).

No entanto, este indicador não poderá ser analisado isoladamente, devendo considerar-se o rácio casamentos/ divórcios. Em Portugal, em 2020, por cada 100 casamentos registados ocorreram 91,5% divórcios. Contudo, esse foi o ano em que se realizaram menos casamentos (18 457), provavelmente influenciado pelas restrições associadas ao *covid-19*. Desde 2008 que o rácio é superior a 60%, com a exceção de 2018 que apresenta um rácio de 58,7% (Instituto Nacional de Estatística, 2022).

O divórcio constitui uma crise acidental e imprevisível no ciclo vital das famílias acarretando mudanças no seu funcionamento e estrutura familiar (Alarcão, 2000). Caracteriza-se como um dos eventos mais *stressantes* para a família (Carter & McGoldrick, 1995), a partir do qual se impõe mudanças com negociação de novas regras. Segundo Holmes e Rahe (1967) o segundo fator de *stress* mais desestruturante na vida adulta é o divórcio seguindo-se a morte do cônjuge. É, por isso, um momento de grande exigência e implica adaptações múltiplas nos diferentes elementos da família, social e psicologicamente (Hetherington & Kelly, 2002; Lamela, 2009; Wang & Amato, 2000).

O fim de uma relação conjugal na qual existem filhos tem implicações na conjugalidade e na parentalidade (Lamela, Figueiredo, et al., 2010) sendo os seus desafios multideterminados (Grzybowski, 2007). A parentalidade após o divórcio, impõe alterações na rotina, padrões relacionais, regras e papéis familiares que resultam da não presença ao mesmo tempo e no mesmo espaço de ambos os pais.

Segundo Carter e McGoldrick (2001), de todas as tarefas pós-divórcio, a mais complexa é o ajustamento da parentalidade após o fim da conjugalidade. Após uma separação conjugal, a família continua a ser uma unidade funcionando com dois núcleos formados por cada um dos pais passando a ser denominada família binuclear (Ahrns, 1994). A literatura evidencia que,

no decorrer da separação conjugal, os pais podem apresentar dificuldades em gerir as novas configurações familiares e em dissociar a parentalidade da conjugalidade (Gomes et al., 2016; Ponciano & Féres-Carneiro, 2017; Silva et al., 2020).

A relação entre os pais, em função dos cuidados parentais, ou seja, o envolvimento mútuo nas tarefas de criação e educação dos filhos é definida como coparentalidade e fazem parte desta relação o apoio recíproco, a partilha de responsabilidades, o suporte à parentalidade do outro e a organização da díade parental (Feinberg, 2003).

A coparentalidade começou a ser alvo de investigação em famílias nucleares intactas a partir da década de 1990 (Belsky et al., 1995), sendo estudada em diferentes configurações familiares apenas nas últimas duas décadas (Lamela et al., 2010). O modelo proposto por Feinberg, considera a coparentalidade o processo fundamental para o funcionamento da família e bem-estar psicológico dos membros que a constituem (Lamela et al., 2015).

Segundo Margolin et al. (2001), uma relação de coparentalidade é definida por três dimensões, denominadamente, a cooperação, a triangulação e o conflito. A dimensão da “cooperação” engloba o nível de apoio mútuo, a valorização e o respeito recíproco entre os pais no desempenho e partilha das responsabilidades parentais e disponibilidade física e emocional para assegurar as necessidades dos filhos. A dimensão da “triangulação” indica o grau em que um dos pais gera uma aliança exclusiva com o filho, envolve uma desvalorização da autoridade do outro pai, manipulando-o para excluí-lo da relação triádica pais-filhos. A dimensão do “conflito” diz respeito ao grau de desacordo, à frequência e severidade das discussões entre os pais relativamente às questões da parentalidade como, por exemplo, as regras a implementar na educação dos filhos (Margolin et al., 2001).

Uma das tarefas mais desafiantes do ciclo vital é a parentalidade (Pereira et al., 2015) sendo que, vivenciar uma separação conjugal, amplifica este desafio (Lamela et al., 2010). Num primeiro momento, a tarefa dos pais recém-separados é proteger e atenuar os efeitos do divórcio nos filhos, embora esta seja uma função exigente e difícil. Existem estudos que evidenciam o impacto negativo das dificuldades da relação conjugal, vivenciada no passado, na relação coparental presente, nos dois anos precedentes ao divórcio (Gasper et al., 2008; Maccoby et al., 1990).

Estudos com famílias binucleares evidenciam que o conflito parental é o fator mais deteriorante da coparentalidade (Cummings et al., 2005; Lamela et al., 2015). Além disso, a literatura aponta que crianças de famílias divorciadas apresentam riscos de apresentar dificuldades de ajustamento (Amato, 2000; Martins, 2019) sendo o conflito inter-parental

considerado o fator de risco com maior impacto no ajustamento da criança à separação ou divórcio dos pais (Lansford, 2009; Nunes-Costa et al., 2009).

Pereira et al. (2016) procuraram analisar e comparar a coparentalidade entre mães e pais em diferentes situações relacionais e verificaram que os pais e mães casados/em união de facto revelaram níveis mais elevados de cooperação na coparentalidade. Este estudo verificou ainda níveis mais elevados de conflito e triangulação em pais e mães divorciados/ separados/ em processo de divórcio.

Lamela et al. (2015) desenvolveram um estudo onde participaram 314 pais divorciados, tendo como objetivo identificar os perfis de coparentalidade após o divórcio e examinar a relação desses perfis com níveis de bem-estar dos pais, práticas parentais e problemas psicológicos dos filhos. Esta investigação constatou que o grupo de pais com níveis altos de conflito coparental apresentou pontuações significativamente menores de satisfação com a vida, bem como níveis significativamente maiores de afeto negativo relacionado ao divórcio e de parentalidade inconsistente. Nesse estudo, o grupo com maior coparentalidade cooperativa relatou níveis mais elevados de funcionamento familiar positivo e os filhos apresentaram menos problemas de externalização e internalização (Lamela et al., 2015).

Um estudo realizado por Orgilés e Samper (2011) onde participaram 1025 crianças (861 filhos de pais casados e 164 filhos de pais divorciados) concluiu que a qualidade de vida das crianças com pais divorciados difere de acordo com o conflito inter-parental percebido. As crianças que relataram conflito entre os seus pais após o divórcio, tiveram menor qualidade de vida. Em comparação com filhos de pais casados, os filhos de pais divorciados, manifestaram menor satisfação com a sua saúde e bem-estar.

Segundo Amato (2005), um dos melhores preditores do bem-estar social e emocional da criança é a qualidade da parentalidade. Ao longo das últimas décadas, a investigação tem enunciado e descrito o impacto negativo que o divórcio dos pais tem no desenvolvimento das crianças, mas este impacto não é, obrigatoriamente, sinónimo de desajustamento crónico, podendo ser um momento de promoção desenvolvimental.

Apesar dos desafios que o divórcio pode acarretar na vida das famílias, estas possuem um conjunto de capacidades e forças internas que lhes permitem lidar e adaptar-se à situação familiar (Quesada, 2003). Segundo Haggerty et al. (1996), o conflito parental decorrente antes, durante e após o divórcio, provoca altos níveis de *stress* crónico. No entanto, os autores referem que, apesar dos níveis elevados de *stress* e, após vivenciarem uma fase de dificuldades, quer a nível familiar, quer a nível individual, grande parte das crianças demonstra ser resiliente conseguindo superar de forma positiva estas adversidades.

Os primeiros estudos na área da resiliência focaram-se nos aspetos negativos, no risco e no comportamento desadaptativo das crianças e jovens (Omar et al., 2011). Ao longo do tempo, estes estudos começaram a focar-se em aspetos positivos e em fatores de proteção. O conceito de resiliência é difícil definir, não existindo um consenso na literatura acerca do domínio deste. Segundo Martins (2014), a definição mais consensualmente aceite, é a de Rutter (1987, 2006) que define a resiliência como um efeito positivo face a um evento de risco ou ainda, como uma baixa vulnerabilidade face a experiências de risco ambiental e existindo capacidade de superar a adversidade. Segundo Rutter (2012), fala-se em resiliência familiar quando a família utiliza os recursos disponíveis face às exigências impostas promovendo, desta forma, as alterações necessárias para que recupere a sua estabilidade.

Quesada (2003) defende que uma família resiliente possui capacidade de autorreparação que a permite reconhecer e fomentar processos para enfrentar situações de crise de forma eficaz.

Para Walsh (2003), a resiliência familiar tem influência na forma como os indivíduos lidam com os acontecimentos que interferem com o sistema familiar como um todo e, a forma como cada elemento reage às adversidades, está diretamente relacionada com as suas capacidades e habilidades para lidar com as situações *stressantes*.

Existem três processos-chave da resiliência, nomeadamente, o sistema de crenças familiares, os padrões de organização e os processos de comunicação (Walsh, 1998).

O sistema de crenças familiares permite que as famílias atribuam significado às situações de crise orientando-as para a recuperação e continuidade. Este processo constitui-se como uma força muito importante. Capacidade de dar sentido à adversidade, desenvolver um foco positivo face às situações e ainda, ter espiritualidade e transcendência. O conjunto destas crenças irá definir as regras e normas da família que estão na base do funcionamento familiar. A esperança, a confiança da família na superação da adversidade e uma visão otimista fazem parte da perspetiva resiliente das famílias, segundo o modelo de Walsh (2005).

Os padrões organizacionais da família têm uma função amortecedora dos choques familiares mantidos por normas externas e internas e preservados pelas crenças familiares e sistemas culturais (Walsh, 2007). Tendo em conta que as crises podem interferir com o funcionamento familiar, é através dos padrões organizacionais, que a família consegue a mobilidade que lhe possibilita sair da estagnação provocada por uma crise, sendo a flexibilidade um elemento crucial neste contexto. Os padrões organizacionais, também dizem respeito aos recursos sociais e económicos da família, recursos estes, que são vitais em tempos difíceis. Nos momentos de crise, os vínculos com a rede social são também muito importantes

para a promoção da resiliência familiar. O auxílio prático e emocional proporcionado pela família alargada e pelas redes sociais podem constituir fatores importantes de proteção (Walsh, 2005).

Relativamente aos processos de comunicação, Walsh realça três dimensões fundamentais que contribuem para a resiliência, nomeadamente, a clareza, a expressão sincera e a resolução cooperativa de problemas. Estes processos permitem clarificar situações ambíguas e criar estratégias de resolução de problemas conjuntas. Segundo a autora, não é a ausência de problemas que caracteriza o bom funcionamento familiar, mas sim a capacidade que a família tem de gerir os conflitos de forma ajustada (Walsh, 2005).

Não obstante, as adversidades advindas de uma situação de divórcio, segundo Hetherington e Stanley-Hagan (1999), existem muitas famílias que conseguem adaptar-se de forma positiva a esta nova realidade, conseguindo estabilidade emocional e reorganização das suas vidas e os filhos conseguem, igualmente, ser bem sucedidos na vida.

As famílias coesas e com um funcionamento flexível também são consideradas famílias resilientes (Fouché, 2008). Segundo Pinheiro (2004), a coesão familiar é um fator importante na resiliência uma vez que, as famílias coesas, conseguem definir objetivos e prioridades e têm ligação entre si. Estas famílias valorizam mais o “nós” do que o “eu”, enfrentando as adversidades de forma mais eficaz (Hawley & DeHaan, 1996).

Para Patterson (2002), uma família resiliente distingue-se pela coesão e união entre elementos, pela abertura na comunicação e pela flexibilidade.

Segundo Olson e Gorall (2006), a coesão, a flexibilidade e a comunicação são dimensões centrais no funcionamento familiar. De entre os múltiplos modelos de compreensão do funcionamento familiar, o Modelo Circumplexo do Sistema Conjugal e Familiar, desenvolvido, em 1979, por Olson, Sprenkle e Russell, explica o funcionamento da família mediante dois processos complexos: a coesão e a flexibilidade. Sendo a comunicação considerada facilitadora destas duas dimensões centrais (Olson et al., 1979).

A coesão é percebida como um vínculo emocional que os membros da família estabelecem entre si, incluindo os processos de decisão, as coligações, os limites, o tempo, o espaço, os interesses e atividades em comum. A flexibilidade refere-se à capacidade adaptativa da família, à organização, à liderança e aos compromissos entre elementos (Olson et al., 1979).

Este modelo tem como base uma hipótese curvilínea apresentando a hipótese de que, um bom equilíbrio entre a coesão e a flexibilidade, traduz-se numa família mais funcional enquanto que, desequilíbrios nestas duas dimensões, associam-se a problemas no funcionamento familiar (Olson & Gorall, 2006).

Segundo Olson (2000), no que concerne à dimensão da coesão, os níveis extremos revelam excesso de separação (desmembrada) ou proximidade (emaranhada) familiar podendo ser problemáticos no funcionamento familiar. As famílias consideradas, ao nível da coesão, como tendencialmente desmembradas, apresentam limites rígidos no seu interior e difusos com o exterior, reduzindo os laços afetivos com os membros da família. Nas famílias tendencialmente emaranhadas, os limites internos são difusos e as fronteiras com o exterior rígidas, não proporcionando aos seus elementos autonomia. Contudo, os níveis intermédios de coesão - separada e ligada - são indicadores de equilíbrio familiar (Olson, 2000).

A flexibilidade apresenta quatro níveis: rígida (extremamente baixa), estruturada (baixa e moderada), flexível (moderada a alta) e caótica (extremamente alta). Os níveis extremos de flexibilidade - rígida e caótica - são indicadores de um funcionamento desequilibrado e de vulnerabilidade familiar uma vez que, a família tende a ser demasiado rígida ou a experienciar excesso de mudanças. Os níveis intermédios são considerados como equilibrados e indicadores de uma flexibilidade ajustada (Olson, 2000).

Segundo Olson (2000), a comunicação refere-se à capacidade de escuta empática e atenta, à partilha de sentimentos sobre si mesmo e sobre a relação, à capacidade de dar seguimento a uma conversa, à clareza e respeito pelos vários membros da família.

Um estudo efetuado por Dias e Martin (2012) utilizou a *Family Adaptability and Cohesion Evaluation Scale* (FACES III) e a *Measuring State and Child Resilience* (MSCR) para identificar e analisar os fatores de proteção, resiliência, coesão e adaptabilidade familiar, ou os fatores de risco e vulnerabilidade presentes na resposta à crise e adversidade, resultantes da situação de divórcio. No estudo participaram 62 indivíduos que vivenciaram uma situação de divórcio divididos em dois grupos: 31 pais e 31 respetivos filhos. Relativamente à coesão e adaptabilidade familiares, verificou que o consenso entre filhos e pais é um bom preditor, uma vez que, a concordância entre os membros da família no que respeita à coesão e adaptabilidade associa-se a um bom funcionamento familiar. As famílias inquiridas apresentaram níveis equilibrados de coesão e adaptabilidade familiar. Esta investigação evidenciou também uma associação positiva entre níveis elevados de resiliência e níveis elevados de coesão e satisfação familiares. Além disso, as características de resiliência nos pais parecem contribuir para a promoção da resiliência nos filhos. Desta forma, após o divórcio, a resiliência nos filhos pode ser facilitada pela coesão familiar e pela resiliência parental (Dias & Martins, 2012).

Andrade (2018) realizou um estudo onde analisou o funcionamento familiar e saúde mental em diferentes contextos familiares de 232 sujeitos. Nesse estudo, indivíduos casados ou em união de facto perceberam índices mais elevados de coesão familiar em comparação

com participantes separados ou divorciados. Neto (2019) verificou também níveis mais altos de coesão e flexibilidade em sujeitos solteiros/ união de facto/ casados comparativamente com sujeitos divorciados.

Uma investigação realizada por Cerveira (2015) teve como objetivo analisar a perceção do funcionamento familiar em diferentes tipologias familiares de 1089 participantes. As famílias nucleares intactas percecionaram-se como mais coesas, flexíveis, com uma melhor comunicação e menos desmembradas comparativamente com as famílias monoparentais (Cerveira, 2015).

Assumindo-se que o divórcio pode ter impacto na dinâmica das famílias, a presente investigação pretende analisar quais as diferenças ao nível do funcionamento familiar, resiliência e coparentalidade em famílias nucleares intactas e famílias que passaram por processo de separação/ divórcio.

## **Materiais e Métodos**

### **Objetivos**

A partir da questão “existem diferenças entre famílias que não passaram por processo de separação/ divórcio e famílias que passaram por processo de separação/ divórcio ao nível das variáveis coparentalidade, resiliência e funcionamento familiar?” desenvolveu-se o presente estudo que pretende analisar o funcionamento familiar (coesão, flexibilidade, satisfação e comunicação), resiliência (sistema de crenças, padrões organizacionais, comunicação e resolução de problemas) e coparentalidade (cooperação, conflito e triangulação) em famílias nucleares intactas e famílias que passaram por processo de separação/ divórcio (famílias binucleares).

Os objetivos deste estudo são analisar o funcionamento familiar, resiliência e coparentalidade em pais e mães; em função da idade; da tipologia familiar e do número de filhos e analisar a associação entre funcionamento familiar e coparentalidade.

O objetivo principal é analisar o funcionamento familiar, resiliência e coparentalidade em função da situação relacional.

### **Tipo de estudo**

A metodologia deste estudo é quantitativa de carácter transversal. Trata-se de “um processo de inquirição para a compreensão de um problema, enquadrado por uma teoria composta de variáveis medidas com números e analisada através de procedimentos estatísticos, tendo em vista determinar se para um dado nível de probabilidade, podem os dados ser



generalizados” (Pocinho, 2012, p.32). É um estudo correlacional e o objetivo é avaliar a relação entre duas ou mais variáveis e perceber a relação entre as mesmas (Sousa et al., 2007).

Relativamente ao período de seguimento é do tipo transversal, não existe uma contínua avaliação da população em estudo, os dados são recolhidos apenas num momento (Pocinho, 2012).

## **Participantes**

Na Tabela 1 e 2 podemos observar a caracterização sociodemográfica dos participantes.

Tendo em conta que, ao longo dos resultados da investigação, a amostra total (N=347) será dividida em 3 grupos em função da situação relacional, segue-se a caracterização sociodemográfica e familiar diferenciada destes, para uma melhor compreensão dos dados. A situação relacional representa a junção do estado civil e do agregado familiar. Foram criados 3 grupos: *grupo 1 = União de facto/ Casados e Solteiros que coabitam com cônjuge e filho(s); grupo 2 = Separados/ Divorciados e Solteiros que coabitam apenas com filho(s) e grupo 3 = Recasados/ Nova união de facto que coabitam com cônjuge e filho(s)*. De realçar que, os sujeitos Solteiros foram distribuídos pelo *grupo 1* ou *2* tendo em conta com quem coabitam, se apenas com o(s) filho(s) ou com cônjuge e filho(s).

Participaram neste estudo 80 pais (23,1%) e 267 mães (76,9%). O *grupo 1* é constituído por 45 pais (19,6%) e 185 mães (80,4%); o *grupo 2* por 25 pais (32,1%) e 53 mães (67,9%) e o *grupo 3* é composto por 10 pais (25,6%) e 29 mães (74,4%).

Os participantes têm idades compreendidas entre os 22 e os 64 anos, sendo a média de idades 42,51 anos ( $DP = 7,574$ ).

Relativamente ao estado civil, o *grupo 1* é constituído por 5 sujeitos solteiros (2,2%), 180 casados (78,3%) e 45 em união estável/ de facto (19,6%). O *grupo 2* é composto por 14 participantes solteiros (17,9%), 21 separados (26,9%) e 43 divorciados (55,1%). O *grupo 3* é constituído por 39 participantes recasados/ nova união de facto.

O tempo médio de separação dos participantes separados é de 3,64 anos ( $DP = 3,28$ ). Relativamente à situação de divórcio, o tempo médio de separação antes do divórcio é de 0,97 anos ( $DP = 1,27$ ) e o tempo médio de divórcio é de 6,07 anos ( $DP = 5,06$ ) sendo que, a sua relação durou no máximo 25 anos ( $M = 14,60$ ;  $DP = 14,6$ ). O tipo de divórcio, da maioria dos participantes divorciados, foi por mútuo consentimento ( $n = 31$ ; 72,1%) e o de 12 participantes foi litigioso (27,9%).

Quanto à orientação sexual, a maioria dos sujeitos são heterossexuais. No *grupo 1*, 3 participantes são homossexuais (1,3%), 5 são bissexuais (2,2%), 1 é queer (0,4%) e os restantes

221 são heterossexuais (96,1%). O grupo 2, é constituído por 75 sujeitos heterossexuais (96,2%), 2 homossexuais (2,6%) e 1 bissexual (1,3%). Os participantes que constituem o grupo 3 são todos heterossexuais.

**Tabela 1**

*Caracterização sociodemográfica dos três grupos*

Variável	Grupo 1 (n=230)		Grupo 2 (n=78)		Grupo 3 (n=39)		Amostra total (N=347)	
	N	%	n	%	n	%	N	%
<b>Subsistema parental</b>								
Pai	45	19,6	25	32,1	10	25,6	80	23,1
Mãe	<b>185</b>	<b>80,4</b>	<b>53</b>	<b>67,9</b>	<b>29</b>	<b>74,4</b>	<b>267</b>	<b>76,9</b>
<b>Idade</b>								
22-35	54	23,5	8	10,3	4	10,3	66	19
36-40	51	22,2	13	16,7	10	25,6	74	21,3
41-50	<b>93</b>	<b>40,4</b>	<b>42</b>	<b>53,8</b>	<b>23</b>	<b>59,0</b>	<b>158</b>	<b>45,5</b>
≥51	32	13,9	15	19,2	2	5,1	49	14,1
<b>Estado Civil</b>								
Solteiro(a)	5	2,2	14	17,9			19	5,5
Casado(a)	<b>180</b>	<b>78,3</b>					<b>180</b>	<b>51,9</b>
Em união de facto	45	19,6					45	13
Separado(a)			21	26,9			21	6,1
Divorciado(a)			<b>43</b>	<b>55,1</b>			43	12,4
Recasado(a)/Nova união de facto					<b>39</b>	<b>100</b>	39	11,2
<b>Orientação Sexual</b>								
Heterossexual	<b>221</b>	<b>96,1</b>	<b>75</b>	<b>96,2</b>	<b>39</b>	<b>100</b>	<b>335</b>	<b>96,5</b>
Homossexual	3	1,3	2	2,6			5	1,4
Bissexual	5	2,2	1	1,3			6	1,7
Queer	1	0,4					1	0,3

*Nota.* Grupo 1= União de facto/ Casados e Solteiros que coabitam com cônjuge e filho(s); Grupo 2 = Separados/ Divorciados e Solteiros que coabitam apenas com filho(s); Grupo 3 = Recasados/ Nova união de facto que coabitam com cônjuge e filho(s); N = amostra total; n = n° de participantes; % = percentagem de participantes

De acordo com a Tabela 2, constatamos que no grupo 1, 52 participantes concluíram o ensino secundário (22,6%) e 106 são licenciados (46,1%). No grupo 2, 33 participantes concluíram o ensino secundário (42,3%) e 30 têm uma licenciatura (38,5%). No grupo 3, 12 participantes concluíram o ensino secundário (30,8%) e 16 têm uma licenciatura (41%).

Os sujeitos que constituem os grupos são, maioritariamente, trabalhadores por contra de outrem ( $n_{grupo1} = 178$  (77,4%);  $n_{grupo2} = 60$  (76,9%);  $n_{grupo3} = 31$  (79,5%)).

A nacionalidade da maioria dos participantes é portuguesa ( $n_{grupo1} = 222$  (96,5%);  $n_{grupo2} = 75$  (96,2%);  $n_{grupo3} = 37$  (94,9%)), existindo em todos os grupos alguns brasileiros ( $n_{grupo1} = 6$  (2,6%);  $n_{grupo2} = 3$  (3,8%);  $n_{grupo3} = 2$  (5,1%)).

Um grande número de participantes identifica rendimentos familiares entre 1000€ e 2000€ ( $n_{grupo1} = 102$  (44,3%);  $n_{grupo2} = 38$  (48,7%);  $n_{grupo3} = 18$  (46,2%)), havendo 5 sujeitos com rendimentos até 500€ ( $n_{grupo1} = 1$  (0,4%);  $n_{grupo2} = 3$  (3,8%);  $n_{grupo3} = 1$  (2,6%)).

**Tabela 2**

*Caracterização sociodemográfica dos três grupos*

Variável	Grupo 1 (n=230)		Grupo 2 (n=78)		Grupo 3 (n=39)		Amostra total (N=347)	
	N	%	n	%	n	%	N	%
<b>Habilitações Literárias</b>								
1º Ciclo de Ensino Básico	1	0,4					1	0,3
2º Ciclo de Ensino Básico	5	2,2	2	2,6			7	2
3º Ciclo de Ensino Básico	17	7,4	6	7,7	5	12,8	28	8,1
Ensino Secundário	52	22,6	<b>33</b>	<b>42,3</b>	12	30,8	97	28
Licenciatura	<b>106</b>	<b>46,1</b>	30	38,5	<b>16</b>	<b>41,0</b>	<b>152</b>	<b>43,8</b>
Mestrado	43	18,7	7	9,0	4	10,3	54	15,6
Doutoramento	6	2,6			2	5,1	8	2,3
<b>Situação Profissional</b>								
Trabalhador(a) por contra de outrem	<b>178</b>	<b>77,4</b>	<b>60</b>	<b>76,9</b>	<b>31</b>	<b>79,5</b>	<b>269</b>	<b>77,5</b>
Trabalhador(a) por contra própria	39	17,0	14	17,9	7	17,9	60	17,3
Estudante	1	0,4					1	0,3
Trabalhador(a)/Estudante	2	0,9	1	1,3			3	0,9
Desempregado(a)	9	3,9	1	1,3	1	2,6	11	3,2
Reformado(a)	1	0,4	2	2,6			3	0,9
<b>Nacionalidade</b>								
Portuguesa	<b>222</b>	<b>96,5</b>	<b>75</b>	<b>96,2</b>	<b>37</b>	<b>94,9</b>	<b>334</b>	<b>96,3</b>
Brasileira	6	2,6	3	3,8	2	5,1	11	3,2
Italiana	1	0,4					1	0,3
Angolana	1	0,4					1	0,3
<b>Rendimentos</b>								
Até 500€	1	0,4	3	3,8	1	2,6	5	1,4
Entre 500€ e 1000€	33	14,3	29	37,2	5	12,8	67	19,3
Entre 1000€ e 2000€	<b>102</b>	<b>44,3</b>	<b>38</b>	<b>48,7</b>	<b>18</b>	<b>46,2</b>	<b>158</b>	<b>45,5</b>
Entre 2000€ e 3000€	63	27,4	4	5,1	10	25,6	77	22,2
Mais de 3000€	31	13,5	4	5,1	5	12,8	40	11,5

*Nota.* Grupo 1= União de facto/ Casados e Solteiros que coabitam com cônjuge e filho(s); Grupo 2 = Separados/ Divorciados e Solteiros que coabitam apenas com filho(s); Grupo 3 = Recasados/ Nova união de facto que coabitam com cônjuge e filho(s); N = amostra total; n = nº de participantes; % = percentagem de participantes

De acordo com a Tabela 3, constatamos que existem diferentes tipologias familiares. O *grupo 1* é composto por 214 famílias nucleares intactas (93%) e 11 famílias nucleares alargadas (4,8%). No *grupo 1* estão também 5 famílias reconstituídas pois, embora estes 5 participantes não tenham filhos de um relacionamento anterior, vivem com enteados. O *grupo 2* é

constituído por 71 famílias monoparentais (89,7%) e 7 famílias reconstituídas (10,3%). O *grupo 3* é composto por 39 famílias reconstituídas.

Podemos observar na Tabela 3 que 84 participantes do *grupo 1* tem 1 filho (36,5%), 125 tem 2 filhos (54,3%) e 21 participantes tem 3 filhos ou mais (9,1%). No *grupo 2*, existem 35 sujeitos com 1 filho (44,9%), 33 com 2 filhos (42,3%) e 10 participantes tem 3 filhos ou mais (12,8%). O *grupo 3* é constituído por 9 participantes com 1 filho (23,1%), 19 com 2 filhos (48,7%) e 11 com três filhos ou mais (28,2%).

Relativamente à etapa do ciclo vital, no *grupo 1*, 66 famílias estão na etapa de famílias com filhos pequenos (28,7%), 55 na etapa de famílias com filhos na escola (23,9%), 60 encontram-se na etapa de família com filhos adolescentes (26,1%) e 49 famílias estão na etapa família com filhos adultos (21,3%). O *grupo 2* é constituído por 7 famílias que se encontram na etapa de famílias com filhos pequenos (9%), 22 na etapa de famílias com filhos na escola (28,2%), 26 na etapa de família com filhos adolescentes (33,3%) e 23 famílias na etapa família com filhos adultos (29,5%). No *grupo 3*, 3 famílias estão na etapa de famílias com filhos pequenos (7,7%), 10 na etapa de famílias com filhos na escola (25,6%), 17 na etapa de família com filhos adolescentes (43,6%) e 9 famílias estão na etapa família com filhos adultos (23,1%).

No *grupo 1*, existem 95 famílias constituídas por 3 elementos (41,3%), 110 por 4 elementos (47,8%) e 25 famílias por 5 ou mais elementos (10,9%). O *grupo 2* é constituído por 39 famílias compostas por 2 elementos (50%), 25 por 3 elementos (32,1%), 13 famílias são constituídas por 4 elementos (16,7%) e 1 família por 5 ou mais elementos (1,3%). No *grupo 3*, existem 13 famílias compostas por 3 elementos (33,3%), 10 famílias por 4 elementos (25,6%) e 16 famílias por 5 ou mais elementos (41%).

No que diz respeito a filhos de um relacionamento anterior, no *grupo 1*, nenhum participante tem ( $n = 230$ ). No *grupo 2*, todos os elementos têm filhos de um relacionamento anterior ( $n = 78$ ). No *grupo 3*, 36 participantes têm filhos de um relacionamento anterior (92,3%) e 3 não (7,7%).

O *grupo 1* é constituído por 5 elementos que vivem com enteados (1,8%); no *grupo 2*, 2 participantes vivem com enteados (2,6%) e no *grupo 3*, 15 sujeitos vivem com enteados (38,5%).

**Tabela 3***Caracterização familiar dos três grupos*

Variável	Grupo 1 (n=230)		Grupo 2 (n=78)		Grupo 3 (n=39)		Amostra total (N=347)	
	N	%	N	%	n	%	N	%
<b>Tipologia Familiar</b>								
Família nuclear intacta	214	93,0					214	61,7
Família nuclear alargada	11	4,8					11	3,2
Família monoparental			71	89,7			71	20,5
Família reconstituída	5	2,2	7	10,3	39	100	51	14,7
<b>Número de filhos</b>								
1 filho	84	36,5	35	44,9	9	23,1	128	36,9
2 filhos	125	54,3	33	42,3	19	48,7	177	51
3 filhos ou +	21	9,1	10	12,8	11	28,2	42	12,1
<b>Etapa do ciclo vital</b>								
Família com filhos pequenos	66	28,7	7	9,0	3	7,7	76	21,9
Família com filhos na escola	55	23,9	22	28,2	10	25,6	87	25,1
Família com filhos adolescentes	60	26,1	26	33,3	17	43,6	103	29,7
Família com filhos adultos	49	21,3	23	29,5	9	23,1	81	23,3
<b>Número de elementos no agregado familiar</b>								
2			39	50,0			39	11,4
3	95	41,3	25	32,1	13	33,3	133	38,2
4	110	47,8	13	16,7	10	25,6	133	38,2
5 ou +	25	10,9	1	1,3	16	41	42	12,1
<b>Filhos de um relacionamento anterior</b>								
Sim			78	100	36	92,3	114	32,7
Não	230	100			3	7,7	233	67,3
<b>Vive com enteados</b>								
Sim	5	1,8	2	2,6	15	38,5	22	6,2
Não	221	96,4	43	55,1	24	61,5	288	83,2
Não se aplica	4	1,7	33	42,3			37	10,7

*Nota.* Grupo 1= União de facto/ Casados e Solteiros que coabitam com cônjuge e filho(s); Grupo 2 = Separados/ Divorciados e Solteiros que coabitam apenas com filho(s); Grupo 3 = Recasados/ Nova união de facto que coabitam com cônjuge e filho(s); N = amostra total; n = nº de participantes; % = percentagem de participantes

De seguida, encontra-se a informação referente a pais e mães com filhos de um relacionamento anterior ( $n = 113$ ; 32,6%).

De acordo com a Tabela 4, constatamos que a modalidade mais frequente é o “Exercício conjunto das responsabilidades parentais, com residência fixa na minha casa” ( $n = 39$ ; 36,1%) seguindo-se, com a uma percentagem semelhante, o “Exercício conjunto das responsabilidades parentais, com residência alternada” ( $n = 36$ ; 33,3%).

A maioria dos pais regulou legalmente o exercício das responsabilidades parentais ( $n = 83$ ; 76,9%) e refere que este está a ser cumprido ( $n = 72$ ; 66,7%). Relativamente a pais com filhos de uma relação anterior, 39 participantes referem ter uma boa relação com o outro

pai/mãe (36,1%), 29 participantes consideram essa relação razoável (17,6%), 19 como má (17,6%) e 21 participantes referem não ter qualquer relação (19,4%).

**Tabela 4**

*Informações referentes a pais com filhos de um relacionamento anterior*

		<i>N = 113</i>	
<b>Variável</b>		<i>N</i>	<i>%</i>
<b>Modalidade do exercício das responsabilidades parentais</b> ( <i>N = 108</i> ) <sup>a</sup>	Exercício conjunto das responsabilidades parentais, com residência fixa na minha casa	<b>39</b>	<b>36,1</b>
	Exercício conjunto das responsabilidades parentais, com residência fixa na casa da outra figura parental	6	5,6
	Exercício conjunto das responsabilidades parentais, com residência alternada	36	33,3
	Residência e exercício exclusivo das responsabilidades parentais exercido por mim	23	21,3
	Residência e exercício exclusivo das responsabilidades parentais exercido pela outra figura parental	4	3,7
<b>Regulação do exercício das responsabilidades parentais</b> ( <i>N = 108</i> ) <sup>a</sup>	Legalmente	<b>83</b>	<b>76,9</b>
	Informalmente	17	15,7
	Não se encontra regulado	8	7,4
<b>Cumprimento do exercício das responsabilidades parentais</b> ( <i>N = 108</i> ) <sup>a</sup>	Sim	<b>72</b>	<b>66,7</b>
	Parcialmente	17	15,7
	Não	19	17,6
<b>Frequência com que está com o(s) filho(s)</b> ( <i>N = 108</i> ) <sup>a</sup>	Diariamente	<b>60</b>	<b>55,6</b>
	Em alguns dias durante a semana	11	10,2
	Semanalmente	21	19,4
	Quinzenalmente	10	9,3
	Mensalmente	3	2,8
	Raramente	3	2,8
<b>Caracterização da relação com o outro pai/mãe</b> ( <i>N = 108</i> ) <sup>a</sup>	Boa	<b>39</b>	<b>36,1</b>
	Razoável	29	26,9
	Má	19	17,6
	Não tenho qualquer relação	21	19,4

*Nota.* <sup>a</sup> o *N* é menor que a amostra total, porque existe casos em que não houve resposta (5 casos); *N* = amostra total; *n* = n° de participantes; % = percentagem de participantes

## **Procedimentos**

O presente estudo integra um projeto de investigação mais abrangente intitulado “Coparentalidade, Funcionamento e Resiliência Familiar”, desenvolvido por uma equipa de investigadores do Instituto Superior Miguel Torga e da Universidade de Coimbra.

Os dados foram recolhidos *online* através da plataforma do *Google Forms*, tendo o estudo sido divulgado em redes sociais através da partilha um *link* de acesso ao questionário. A participação foi voluntária e implicou o preenchimento de um consentimento informando os objetivos do estudo e esclarecendo a confidencialidade da participação e tratamento de dados. A resposta ao questionário e aos instrumentos demorou entre 15 a 20 minutos.

Foram definidos como critérios de inclusão ter idade igual ou superior a 18 anos e viver com, pelo menos, um filho em Portugal.

O processo de amostragem é não probabilístico por conveniência, conseguida através de método de propagação geométrica (bola de neve) (Maroco, 2007). A recolha de dados foi realizada durante o período de março de 2022 e junho de 2022.

## **Instrumentos**

O protocolo de investigação é composto por um questionário de dados sociodemográficos e familiares e de cinco questionários de auto-resposta: *Family Adaptability and Cohesion Evaluation Scale (FACES IV)*, *Walsh Family Resilience Questionnaire (WFRQ)*, *Coparenting Questionnaire*, *Egna Minnen Bertröffande Uppfostran – Parents version (EMBU-P)* e *The Divorce Conflict Scale*. As últimas duas escalas, embora façam parte do protocolo original não serão descritas por não integrarem este estudo específico.

### ***Questionário de dados sociodemográficos e familiares***

O questionário sociodemográfico foi desenvolvido especificamente para este estudo. Tem como objetivo recolher uma diversidade de informações quanto às características sociodemográficas e familiares de cada participante (Apêndice A).

### ***Family Adaptability and Cohesion Evaluation Scale (FACES-IV)***

A FACES-IV é uma escala de autorresposta que tem como objetivo principal avaliar a perceção do funcionamento familiar em duas dimensões, a coesão e a flexibilidade. Foi desenvolvido por Olson, Gorall e Tiesel, em 2004 e tem por base o Modelo Circumplexo proposto por Olson et al. (1979) (Olson, 2011). Em 2021, este instrumento foi validado e

traduzido para a população portuguesa por Sequeira, Vicente, Daniel, Cerveira, Silva, Neves, Espírito-Santo e Guadalupe (Sequeira et al., 2021).

A FACES-IV é constituída por 62 questões do tipo *Likert* e varia entre “discordo totalmente” (1), “discordo” (2), “indeciso” (3), “concordo” (4) e “concordo totalmente” (5). É composta por seis subescalas: duas escalas equilibradas (coesão e flexibilidade) e quatro desequilibradas (*desmembrada* e *emaranhada*, relativamente à coesão; *rígida* e *caótica*, no que respeita à flexibilidade). Possui ainda, duas subescalas que avaliam a *comunicação* e a *satisfação familiar* (Olson, 2011).

Na Tabela 5, estão detalhadas as subescalas e os respetivos itens.

## Tabela 5

### *Distribuição dos itens pelas respetivas subescalas da escala FACES-IV*

Subescalas	Itens	N.º total de itens
<b>Coesão equilibrada</b>	1, 7, 13, 19, 25, 31, 37	7
<b>Flexibilidade equilibrada</b>	2, 8, 14, 20, 26, 32, 38	7
<b>Desmembrada</b>	3, 9, 15, 21, 27, 33, 39	7
<b>Emaranhada</b>	4, 10, 16, 22, 28, 34, 40	7
<b>Rígida</b>	5, 11, 17, 23, 29, 35, 41	7
<b>Caótica</b>	6, 12, 18, 24, 30, 36, 42	7
<b>Comunicação</b>	43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52	10
<b>Satisfação</b>	53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62	10

A subescala *Coesão Equilibrada* considera a ligação emocional entre os vários membros da família e a sua proximidade-separação (exemplo: item 7 – *os elementos da família sentem-se muito próximos uns aos outros*).

A subescala *Flexibilidade Equilibrada* refere-se aos indicadores de flexibilidade e mudança (exemplo: item 20 – *a minha família é capaz de se ajustar às mudanças quando é necessário*).

As subescalas *Coesão Desmembrada* e *Emaranhada* avaliam níveis extremos, considerados desequilibrados (exemplo: item 9 – *quando estão em casa, os membros da família parecem evitar o contacto uns com os outros* e o item 10 – *os elementos da família sentem-se pressionados para passarem a maioria do tempo livre juntos*, respetivamente) (Sequeira et al., 2021).

As subescalas *Flexibilidade Rígida* e *Caótica* avaliam os níveis extremos da adaptabilidade, excesso de mudança e não mudança (exemplo: o item 5 – *quando se quebram as regras da família há consequências graves* e o item 18 – *na nossa família não conseguimos concretizar as coisas*) (Sequeira et al., 2021).



A subescala *Comunicação* refere-se à comunicação positiva entre os elementos da família, às competências de escuta, à partilha de sentimentos, à capacidade de dar continuidade a uma conversa, à clareza e ao respeito pelos membros da família (exemplo: item 43 – *na nossa família sentimos-nos satisfeitos com a forma como comunicamos uns com os outros*) (Sequeira et al., 2021).

A subescala *Satisfação* avalia o grau de satisfação de cada elemento da família relativamente ao funcionamento familiar (exemplo: item 53 – *o grau de proximidade entre os elementos da família*) (Sequeira et al., 2021).

A grelha de cotação da FACES-IV está apresentada na Figura 1. A escala é cotada através da soma dos valores da resposta de cada item, tendo em consideração a distribuição dos mesmos. Os resultados baixos nas subescalas de equilíbrio estão relacionados com um funcionamento familiar problemático e as pontuações altas nestas subescalas apontam um funcionamento familiar saudável. Relativamente às subescalas desequilibradas, os resultados baixos estão associados a um funcionamento familiar saudável e as pontuações elevadas a um funcionamento familiar disfuncional (Olson, 2011).

**Figura 1**

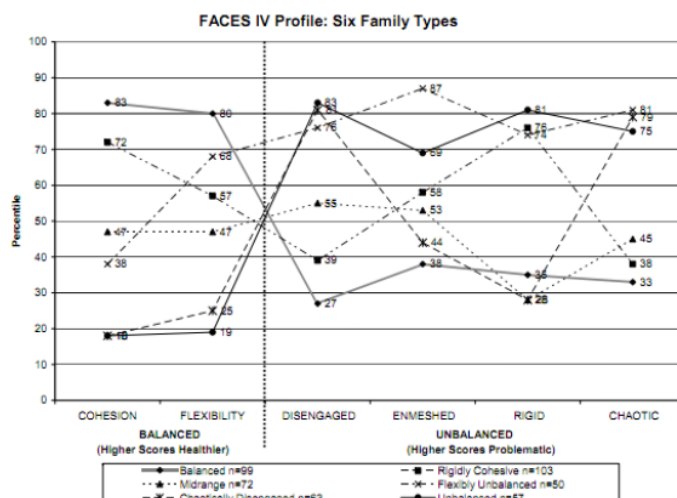
*Grelha de cotação da FACES-IV (Olson, 2011)*

Grelha de Cotação da FACES IV								
Coesão e Flexibilidade	1.	2.	3.	4.	5.	6.	Colocar o valor de cada resposta no número correspondente. Somar na vertical para obter o valor de A, B, C, D, E, F (subescalas da FACES IV). Somar todos os valores das escalas comunicação e satisfação. <b>Somatório de valores da PI. a P.52:</b> 1. Discordo fortemente; 2. Discordo; 3. Não concordo nem discordo; 4. Concordo; 5. Concordo fortemente <b>Somatório de valores da P. 53 a P. 62:</b> 1. Muito descontente; 2. Um tanto descontente; 3. Geralmente satisfeito; 4. Muito satisfeito; 5. Extremamente satisfeito	
	7.	8.	9.	10.	11.	12.		
	13.	14.	15.	16.	17.	18.		
	19.	20.	21.	22.	23.	24.		
	25.	26.	27.	28.	29.	30.		
	31.	32.	33.	34.	35.	36.		
	37.	38.	39.	40.	41.	42.		
	<b>Total</b>	<b>A</b> ____	<b>B</b> ____	<b>C</b> ____	<b>D</b> ____	<b>E</b> ____		<b>F</b> ____
	Comunicação	43.	44.	45.	46.	47.		48.
	Satisfação	53.	54.	55.	56.	57.		58.
	59.	60.	61.	62.				

Relativamente à cotação da escala, posteriormente ao somatório das subescalas, é possível converter os resultados brutos (A, B, C, D, E e F) em percentis. Estes resultados percentuais podem ser inseridos numa folha de perfil que permitem, através da identificação de dimensões mais saudáveis ou mais problemáticas, a perceção geral do funcionamento familiar (Silva, 2015) e também enquadrar-se nos seis perfis familiares desenvolvidos por Olson e Gorall (2006): famílias equilibradas, rigidamente coesas, médias, flexivelmente desequilibradas, caoticamente desmembradas e desequilibradas, como é possível ver na Figura 2.

## Figura 2

Folha de perfil representativa das seis tipologias familiares de Olson e Gorall (2006)



Os 6 *Clusters* ou tipologias familiares desenvolvidas Olson e Gorall (2006) descrevem-se da seguinte maneira:

*Cluster 1* – Equilibradas ou *Balanced*: são famílias caracterizadas por resultados mais elevados nas subescalas de equilíbrio e pontuações mais baixas nas subescalas desequilibradas. Estas famílias lidam melhor com o *stress*, sabem ajustam-se a desafios e são coesas.

*Cluster 2* – Rigidamente Coesas ou *Rigidly Cohesive*: estas famílias são caracterizadas por pontuações altas nas subescalas Coesão e Coesão Rígida, pontuações moderadas na subescala Emaranhada e pontuações baixas nas subescalas Desmembrada e Caótica. São famílias com elevado grau de proximidade emocional e rigidez quando à estrutura. É possível que tenham um funcionamento ajustado devido ao seu grau de proximidade, mas poderão apresentar dificuldades de adaptação em circunstâncias estáveis, pela rigidez que as caracteriza.

*Cluster 3* – Médias ou *Midrange*: esta tipologia familiar apresenta valores médios em todas as subescalas, com exceção da subescala Rígida onde pontua valores muito altos ou muito baixos. No geral, são famílias com um funcionamento adequado por não se situarem nos níveis extremos, embora possam ser vulneráveis face a eventos de *stress* podendo desequilibrar-se com maior facilidade.

*Cluster 4* – Flexivelmente Desequilibradas ou *Flexibly Unbalanced*: esta tipologia familiar apresenta valores altos em todas as subescalas, excluindo a escala Coesão que apresenta valores baixos ou medianos, estes resultados podem demonstrar um funcionamento problemático. Porém, como apresentam pontuações elevadas na subescala Flexibilidade pode

indicar que estas famílias têm a capacidade de promover mudanças e ajustar-se a eventos adversos.

*Cluster 5 – Caoticamente Desmembrada ou Chaotically Disengaged:* são famílias que se caracterizam por apresentar pontuações baixas nas subescalas Emaranhada e Rígida e elevadas nas subescalas Caótica e Desmembrada. Estas famílias, geralmente, apresentam dificuldades ao nível da coesão pela falta de proximidade social e são potencialmente problemáticas pelo excesso de flexibilidade e afastamento relacional.

*Cluster 6 – Desequilibradas ou Unbalanced:* estas famílias caracterizam-se por pontuarem alto nas subescalas de desequilíbrio e baixo nas subescalas equilibradas, sendo, por isso, o oposto das famílias equilibradas. As famílias desta tipologia, de todas as mencionadas anteriormente, são as que, provavelmente, mais necessitam de terapia face ao seu funcionamento geral problemático.

Na Tabela 6 é possível observar os valores do *Alfa de Cronbach* obtidos em cada subescala nesta investigação, bem como os valores do *Alfa de Cronbach* obtidos na validação da FACES-IV original (Olson, 2011) e na sua validação para a população portuguesa (Sequeira et al., 2021).

## Tabela 6

### *Coeficiente da consistência interna das subescalas da FACES-IV*

Subescalas	<i>Alfa de Cronbach</i>	<i>Alfa de Cronbach</i> (Sequeira et al., 2021)	<i>Alfa de Cronbach</i> (Olson, 2011)
<b>Coesão equilibrada</b>	0,828	0,77	0,89
<b>Flexibilidade equilibrada</b>	0,759	0,64	0,84
<b>Desmembrada</b>	0,777	0,74	0,87
<b>Emaranhada</b>	0,340	0,58	0,77
<b>Rígida</b>	0,587	0,65	0,82
<b>Caótica</b>	0,704	0,73	0,86
<b>Comunicação</b>	0,913		
<b>Satisfação</b>	0,951		0,93
<b>Total</b>	0,855		

### ***Walsh Family Resilience Questionnaire***

O WFRQ é uma escala de autorresposta que avalia a percepção de resiliência familiar. Foi desenvolvida por Walsh (2003, 2016) e traduzido e validado para a população portuguesa por Sequeira e Vicente (2019). É constituída por 32 questões do tipo *Likert* numa escala de 1 a 5, onde (1) “raramente/nunca”, (2) “poucas vezes”, (3) “às vezes”, (4) “frequentemente” e (5) “quase sempre” e possui 3 fatores processos-chave: o sistema de crenças, os padrões organizacionais e a comunicação e resolução de problemas.

Na Tabela 7 encontram-se detalhadas as dimensões que constituem a escala e os respetivos itens.

**Tabela 7**

*Distribuição dos itens pelas respetivas dimensões da escala WFRQ*

<b>Dimensões</b>	<b>Itens</b>	<b>N.º total de itens</b>
<b>Sistema de Crenças</b>	1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 9, 15, 16, 17, 18, 24, 25, 26, 29	16
<b>Padrões Organizacionais</b>	8, 10, 11, 12, 13, 14, 27, 28, 30, 31	10
<b>Comunicação e Resolução de Problemas</b>	19, 20, 21, 22, 23, 32	6

O *Sistema de Crenças*, segundo Walsh (2006), remete para uma perspetiva positiva sobre os acontecimentos. Esta dimensão refere-se à esperança, à aceitação, à tolerância da incerteza, à espiritualidade, ao encontro de significados na adversidade e perspetiva da crise como um desafio gerível (exemplo: item 3 – *abordamos uma crise como um desafio que conseguimos gerir e superar se partilharmos esforços*).

A dimensão dos *Padrões Organizacionais* da família, implica abertura à flexibilidade e à mudança, estabilidade de reajustamento, uma parentalidade cooperativa, apoio recíproco, conectividade, colaboração, utilização de recursos sociais e económicos e a ativação de redes de parentesco sociais e comunitárias (exemplo: item 13 – *acreditamos que podemos aprender e fortalecer-nos através dos desafios que enfrentamos*) (Walsh, 2006).

A terceira dimensão, *Comunicação e Resolução de Problemas*, refere-se a uma comunicação saudável através de mensagens claras e conscientes, partilha de sentimentos e colaboração na partilha de decisões. Nesta dimensão é necessário que todos os membros da família aceitem as diferenças entre si e se incentivem a exprimir aquilo que sentem (exemplo: item 32 – *planeamos e preparamo-nos para o futuro e tentamos prevenir crises*) (Walsh, 2006).

Na Tabela 8 apresentam-se os valores do *Alfa de Cronbach* obtidos em cada subescala nesta investigação, assim como o *Alfa de Cronbach* da versão italiana.

**Tabela 8**

*Coefficiente da consistência interna das dimensões da WFRQ*

Subescalas	<i>Alfa de Cronbach</i>	<i>Alfa de Cronbach (Rocchi et al., 2017)</i>
Sistema de Crenças	0,957	0,928
Padrões Organizacionais	0,917	0,863
Comunicação e Resolução de Problemas	0,808	0,567
Total	0,967	0,946

### *Coparenting Questionnaire*

O Questionário de Coparentalidade (QC) é um questionário de hétero-relato desenvolvido por Margolin et al. (2001) e validado para a população portuguesa por Pedro e Ribeiro (2015). Este instrumento avalia as percepções que os elementos do par parental têm um do outro relativamente ao desempenho das funções e responsabilidades parentais, ou seja, avalia a coparentalidade, através da percepção do parceiro em relação ao outro elemento do par parental. O QC é composto por 14 itens, cotados numa escala de *Likert* de 1 a 5, onde (1) “nunca”, (2) “raramente”, (3) “às vezes”, (4) “normalmente”, (5) “sempre” e inclui três subescalas: a cooperação, a triangulação e o conflito.

Na Tabela 9 encontram-se detalhadas as dimensões que constituem a escala e os respetivos itens.

**Tabela 9**

*Distribuição dos itens pelas respetivas subescalas do QC*

Subescalas	Itens	N.º total de itens
Cooperação	1, 2, 3, 4, 5	5
Triangulação	6, 7, 8, 9	4
Conflito	10, 11, 12, 13*, 14	5

\*item invertido

A dimensão da *cooperação* descreve o apoio mútuo, a valorização e o respeito recíproco entre os pais no desempenho e partilha das suas responsabilidades parentais. Também se refere à disponibilidade física e emocional para garantirem que as necessidades dos filhos são asseguradas. A dimensão da *triangulação* indica o grau em que um dos pais gera uma aliança exclusiva com o filho tendo como objetivo desvalorizar a autoridade do outro pai manipulando-

o de forma a excluí-lo da relação triádica pais-filhos. A dimensão do *conflito* diz respeito ao grau de desacordo, à frequência e severidade das discussões entre os pais relativamente às questões da parentalidade, como por exemplo, as regras a implementar na educação dos filhos (Margolin et al., 2001).

Relativamente à cotação da escala, “resultados elevados indicam níveis elevados de cooperação, conflito e triangulação” (Pedro & Ribeiro, 2015, p. 118).

Na Tabela 10 apresentam-se os valores do *Alfa de Cronbach* obtidos em cada subescala nesta investigação, sendo que, na versão de Margolin et al. (2001) os alfas de Cronbach variaram entre 0,69 e 0,87.

**Tabela 10**

*Coeficiente da consistência interna das dimensões do Questionário da Coparentalidade*

Subescalas	<i>Alfa de Cronbach</i>
Cooperação	0,946
Triangulação	0,932
Conflito	0,830
Total	0,621

### **Análise Estatística**

Para a análise estatística dos dados recorreu-se ao programa informático *Statistical Package for the Social Sciences* (SPSS), versão 23 para Windows. Os procedimentos estatísticos foram definidos de acordo com os objetivos e com o tipo de variáveis em causa.

Inicialmente, procedeu-se à análise descritiva dos dados, incidindo sobre as frequências absoluta (*n*) e relativa (%) para as variáveis qualitativas, sobre a média (*M*), o desvio-padrão (*DP*) e os valores mínimo e máximo para as variáveis quantitativas.

Ao longo da investigação foram tidos em atenção os critérios de Kim (2013) para amostras superiores a 300 participantes, sendo que valores absolutos de curtose superiores a 7 e de assimetria superiores a 2 indicam não-normalidade substancial. Posto isto, os valores observados neste estudo sobre a simetria (*si*) e a curtose (*cu*), indicaram uma distribuição normal para as subescalas da FACES-IV (Coesão Equilibrada: *si* = - 1,334, *cu* = 3,122; Flexibilidade Equilibrada: *si* = - 0,795, *cu* = 1,929; Desmembrada: *si* = 1,010, *cu* = 1,790; Emaranhada: *si* = - 0,295, *cu* = 1,194; Rígida: *si* = - 0,112, *cu* = - 0,310; Caótica: *si* = 0,520, *cu* = 1,001; Comunicação: *si* = - 0,898, *cu* = 1,560; Satisfação: *si* = - 0,651, *cu* = 0,468), para as dimensões da WFRQ (Sistema de Crenças: *si* = - 1,169, *cu* = 1,948; Padrões Organizacionais: *si* = - 0,883, *cu* = 1,222; Comunicação e Resolução de

Problemas:  $si = -0,446$ ,  $cu = 0,094$ ) e para as dimensões do QC (Cooperação:  $si = -1,117$ ,  $cu = 0,435$ ; Triangulação  $si = 1,252$ ,  $cu = 4,695$ ; Conflito:  $si = 0,887$ ,  $cu = 0,223$ ). Desta forma, optou-se pela utilização da estatística paramétrica: *Teste T de Student* para Dados Independentes para comparar duas variáveis e *Teste ANOVA* para comparar três ou mais variáveis (Laureano, 2022).

Por último, realizou-se o estudo de correlações de *Pearson* para testar eventuais associações entre o funcionamento familiar e a coparentalidade pelo coeficiente de *Pearson*. De forma a avaliar os resultados obtidos na investigação optou-se pelos critérios de Pallant (2011): baixa ( $r = 0,10$  a  $0,29$ ); moderada ( $r = 0,30$  a  $0,49$ ) e elevada ( $r = 0,50$  a  $1$ ).

## **Resultados**

### **Perceção do Funcionamento Familiar em pais e mães**

Observa-se na tabela 11 que a análise das diferenças nas subescalas da FACES-IV em função da idade não evidenciou diferenças estatisticamente significativas, ainda assim, os participantes mais novos, com idades compreendidas entre os 25 e os 35 anos, apresentam valores médios mais elevados na subescala da *Coesão* ( $M = 30,05$ ) e da *Flexibilidade* ( $M = 28,05$ ).

Relativamente ao subsistema parental, na subescala *Coesão* e na *Desmembrada* foram encontradas diferenças estatisticamente significativas. As mães percecionam a sua família como sendo mais coesa ( $M = 29,71$ ). Os pais percecionam um funcionamento mais desmembrado ( $M = 15,09$ ), ainda assim, o resultado é baixo.

**Tabela 11***Subescalas da FACES-IV – idade e subsistema parental (N = 347)*

FACES-IV												
	Subescalas equilibradas						Subescalas desequilibradas					
	Coesão		Flexibilidade		Desmembrada		Emaranhada		Rígida		Caótica	
Idade	M	DP	M	DP	M	DP	M	DP	M	DP	M	DP
<b>22-35</b> (1) (n = 66)	<b>30,05</b>	3,47	<b>28,05</b>	3,93	12,80	3,96	<b>19,53</b>	3,07	19,35	3,94	14,73	3,42
<b>36-40</b> (2) (n = 74)	29,49	4,45	28,00	3,79	13,76	4,42	19,45	3,52	19,65	3,42	14,57	3,79
<b>41-50</b> (3) (n = 158)	29,16	4,19	27,58	4,06	14,20	4,03	19,15	2,74	<b>20,09</b>	3,67	14,47	3,85
<b>≥51</b> (4) (n = 49)	29,22	3,10	27,82	3,36	<b>14,22</b>	4,10	19,47	2,70	19,00	3,88	<b>14,90</b>	4,05
<b>F</b>	0,803 <sup>NS</sup>		0,327 <sup>NS</sup>		1,962 <sup>NS</sup>		0,361 <sup>NS</sup>		1,385 <sup>NS</sup>		0,185 <sup>NS</sup>	
<b>Comparação múltipla de médias de ordens</b>	1vs2	-	1vs2	-	1vs2	-	1vs2	-	1vs2	-	1vs2	-
	1vs3	-	1vs3	-	1vs3	-	1vs3	-	1vs3	-	1vs3	-
	1vs4	-	1vs4	-	1vs4	-	1vs4	-	1vs4	-	1vs4	-
	2vs3	-	2vs3	-	2vs3	-	2vs3	-	2vs3	-	2vs3	-
	2vs4	-	2vs4	-	2vs4	-	2vs4	-	2vs4	-	2vs4	-
3vs4	-	3vs4	-	3vs4	-	3vs4	-	3vs4	-	3vs4	-	
<b>Subsistema parental</b>	<b>M</b>	<b>DP</b>	<b>M</b>	<b>DP</b>	<b>M</b>	<b>DP</b>	<b>M</b>	<b>DP</b>	<b>M</b>	<b>DP</b>	<b>M</b>	<b>DP</b>
<b>Pai</b> (n = 80)	28,41	4,99	27,34	4,66	<b>15,09</b>	5,15	19,20	3,53	19,56	3,85	<b>15,11</b>	3,85
<b>Mãe</b> (n = 267)	<b>29,71</b>	3,59	<b>27,93</b>	3,61	13,47	3,70	<b>19,37</b>	2,78	<b>19,75</b>	3,68	14,45	3,75
<b>t</b>	<b>-2,573*</b>		-1,190 <sup>NS</sup>		<b>3,109**</b>		-0,451 <sup>NS</sup>		-0,386 <sup>NS</sup>		1,379 <sup>NS</sup>	

Nota. N = amostra total; n = nº de participantes; M = Média; DP = Desvio Padrão; F = ANOVA; t = T de Student; FACES-IV = Escala de Avaliação da Adaptabilidade e da Coesão Familiar versão IV; \* p < 0,05; \*\* p < 0,01; \*\*\* p < 0,001; <sup>NS</sup> = Não significativo

Relativamente às subescalas *Comunicação* e *Satisfação* não foram observadas diferenças estatisticamente significativas em função da idade e subsistema parental (Tabela 12). Ainda assim, os participantes mais novos, com idades compreendidas entre os 25 e os 35 anos, apresentam valores médios mais elevados na subescala da *Comunicação* (M = 39,68) e da *Satisfação* (M = 37,24).

As mães apresentaram valores médios mais elevados na *Comunicação* (M = 39,67) e na *Satisfação* (M = 36,49) em comparação com os pais (M<sub>comunicação</sub> = 38,21; M<sub>satisfação</sub> = 35,01).



**Tabela 12***Subescalas da comunicação e da satisfação – idade e subsistema parental (N = 347)*

Idade	FACES-IV			
	Comunicação		Satisfação	
	M	DP	M	DP
22-35 (1) (n = 66)	39,68	6,14	37,24	7,39
36-40 (2) (n = 74)	39,55	6,88	36,64	7,93
41-50 (3) (n = 158)	39,11	6,30	35,72	8,38
≥51 (4) (n = 49)	39,29	5,72	35,35	6,69
<b>F</b>	<b>0,165<sup>NS</sup></b>		<b>0,845<sup>NS</sup></b>	
<b>Comparação múltipla de médias de ordens</b>	1vs2	-	1vs2	-
	1vs3	-	1vs3	-
	1vs4	-	1vs4	-
	2vs3	-	2vs3	-
	2vs4	-	2vs4	-
	3vs4	-	3vs4	-
Subsistema parental	M	DP	M	DP
<b>Pai</b> (n = 80)	38,21	6,68	35,01	8,446
<b>Mãe</b> (n = 267)	<b>39,67</b>	6,15	<b>36,49</b>	7,685
<b>t</b>	<b>-1,827<sup>NS</sup></b>		<b>-1,474<sup>NS</sup></b>	

Nota. N = amostra total; n = nº de participantes; M = Média; DP = Desvio Padrão; F = ANOVA; t = T de Student; FACES-IV = Escala de Avaliação da Adaptabilidade e da Coesão Familiar versão IV; \* p < 0,05; \*\* p < 0,01; \*\*\* p < 0,001; <sup>NS</sup> = Não significativo

Posteriormente, foram avaliadas as diferenças nas pontuações da FACES-IV, nas várias configurações familiares dos participantes (Tabela 13).

As subescalas equilibradas *Coesão* e *Flexibilidade* variaram de forma estatisticamente significativa em função das diferentes tipologias familiares. Os valores mais altos observaram-se na família nuclear intacta no que se refere à *Coesão* (M = 30,30) e à *Flexibilidade* (M = 28,46). Os valores mais baixos da *Coesão* observaram-se na família reconstituída (M = 27,78) e, no que diz respeito à flexibilidade, na família monoparental (M = 26,59).

À *posteriori*, partindo da comparação múltipla de média de ordens, verificaram-se diferenças estatisticamente significativas ( $p \leq 0,05$ ) no que respeita à *Coesão* e *Flexibilidade* entre: i) família nuclear intacta e família monoparental e ii) família nuclear intacta e família reconstituída.

Relativamente às subescalas desequilibradas, os valores mais altos são: i) da família monoparental na subescala *Desmembrada* (M = 15,32); ii) da família nuclear intacta na subescala *Emaranhada* (M = 19,66) e iii) da família reconstituída na subescala *Rígida* (M = 20,75) e na *Caótica* (M = 15,59). Sublinha-se que, embora existam diferenças do ponto de

vista dos valores médios, estes são baixos. Além disso, as consistências internas destas subescalas são questionáveis, principalmente da *Emaranhada* ( $\alpha = 0,340$ ) o que impossibilita qualquer conclusão.

**Tabela 13**

*Subescalas equilibradas e desequilibradas da FACES-IV e tipologia familiar (N = 336)<sup>a</sup>*

Tipologia familiar	FACES-IV											
	Subescalas equilibradas				Subescalas desequilibradas							
	Coesão		Flexibilidade		Desmembrada		Emaranhada		Rígida		Caótica	
	M	DP	M	DP	M	DP	M	DP	M	DP	M	DP
Família nuclear intacta (n = 214)	30,30	3,19	28,46	3,37	13,15	3,50	19,66	2,68	19,48	3,84	14,19	3,55
Família monoparental (n = 71)	27,87	4,39	26,59	3,98	15,32	4,39	18,45	3,74	19,45	3,53	15,10	3,63
Família reconstituída (n = 51)	27,78	5,33	26,78	5,16	14,94	5,54	18,90	2,86	20,75	3,42	15,59	4,79
<i>F</i>	15,931***		8,540***		9,677***		4,996**		2,552 <sup>NS</sup>		3,642*	
Comparação múltipla de médias de ordens	1vs2	***	1vs2	***	1vs2	***	1vs2	**			1vs2	-
	1vs3	***	1vs3	*	1vs3	*	1vs3	-			1vs3	*
	2vs3	-	2vs3	-	2vs3	-	2vs3	-			2vs3	-

Nota. <sup>a</sup> o N é menor que a amostra total devido ao número reduzido de famílias nucleares alargada (11 casos); N = amostra total; n = n° de participantes; M = Média; DP = Desvio Padrão; F = ANOVA; FACES-IV = Escala de Avaliação da Adaptabilidade e da Coesão Familiar versão IV; 1 = Família nuclear intacta; 2 = Família monoparental; 3 = Família reconstituída; \*p < 0,05; \*\*p < 0,01; \*\*\* p < 0,001; <sup>NS</sup> = Não significativo

Na Tabela 14, observa-se que os valores mais altos nas subescalas da *Comunicação* (M = 40,06) e da *Satisfação* (M = 37,20) são da família nuclear intacta e os mais baixos, em ambas as subescalas, são da família reconstituída (M<sub>comunicação</sub> = 37,86; M<sub>satisfação</sub> = 33,94).

Na subescala da *Satisfação*, foram encontradas diferenças estatisticamente significativas entre: i) família nuclear intacta e família monoparental e também entre ii) família nuclear intacta e família reconstituída.

**Tabela 14**

*Subescalas da comunicação e da satisfação e tipologia familiar (N = 336)<sup>a</sup>*

Tipologia Familiar	FACES-IV			
	Comunicação		Satisfação	
	M	DP	M	DP
Família nuclear intacta (n = 214)	40,06	5,54	37,20	6,85
Família monoparental (n = 71)	38,31	6,98	34,48	9,14
Família reconstituída (n = 51)	37,86	8,15	33,94	9,67
<i>F</i>	3,719*		5,549**	
Comparação múltipla de médias de ordens			1vs2	*
			1vs3	*
			2vs3	-

Nota. <sup>a</sup> o N é menor que a amostra total devido ao número reduzido de famílias nucleares alargada (11 casos); N = amostra total; n = n° de participantes; M = Média; DP = Desvio Padrão; F = ANOVA; FACES-IV = Escala de Avaliação da Adaptabilidade e da Coesão Familiar versão IV; 1 = Família nuclear intacta; 2 = Família monoparental; 3 = Família reconstituída; \*p < 0,05; \*\*p < 0,01; \*\*\* p < 0,001; <sup>NS</sup> = Não significativo

Na Tabela 15 é possível observar que as subescalas equilibradas *Coesão* e *Flexibilidade* variaram de forma estatisticamente significativa ( $p \leq 0,05$ ) em função do número de filhos dos participantes. Os resultados mais altos, verificam-se nos participantes com dois filhos nas duas subescalas ( $M_{\text{coesão}} = 30,02$ ;  $M_{\text{flexibilidade}} = 28,39$ ).

Verificaram-se diferenças estatisticamente significativas ( $p \leq 0,05$ ), no que respeita à *Coesão*, entre: i) participantes com 1 filho e participantes com 2 filhos e ii) participantes com 2 filhos e participantes com 3 filhos ou mais. Quanto à *Flexibilidade* observaram-se diferenças entre participantes com 1 filho e participantes com 2 filhos.

No que diz respeito às subescalas desequilibradas, os valores são, no geral, baixos com exceção da percepção da *Rigidez* que é média. Embora existam diferenças estatisticamente significativas entre os grupos, estas não se traduzem num funcionamento familiar muito distinto. Apenas se sublinha que os participantes com 2 filhos têm uma média mais elevada na escala *Rígida* ( $M = 20,37$ ) em comparação com os que têm apenas um filho ( $M = 18,95$ ).

**Tabela 15**

*Subescalas equilibradas e desequilibradas da FACES-IV e número de filhos (N = 347)*

Número de filhos	FACES-IV											
	Subescalas equilibradas						Subescalas desequilibradas					
	Coesão		Flexibilidade		Desmembrada		Emaranhada		Rígida		Caótica	
	M	DP	M	DP	M	DP	M	DP	M	DP	M	DP
<b>1 filho</b> (n = 128)	28,89	4,52	27,21	4,13	<b>14,67</b>	4,70	18,95	3,47	18,95	3,78	<b>15,03</b>	4,15
<b>2 filhos</b> (n = 177)	<b>30,02</b>	3,27	<b>28,39</b>	3,44	13,16	3,66	<b>19,89</b>	2,47	<b>20,37</b>	3,52	14,45	3,36
<b>3 filhos ou +</b> (n = 42)	28,40	4,61	27,02	4,49	14,21	3,67	18,17	2,77	19,19	3,83	13,93	4,19
<b>F</b>	<b>4,615*</b>		<b>4,454*</b>		<b>5,315**</b>		<b>7,698***</b>		<b>6,132**</b>		<b>1,640<sup>NS</sup></b>	
<b>Comparação múltipla de médias de ordens</b>	<b>1vs2</b>	**	<b>1vs2</b>	*	<b>1vs2</b>	**	<b>1vs2</b>	*	<b>1vs2</b>	**		
	1vs3	-	1vs3	-	1vs3	-	1vs3	-	1vs3	-		
	<b>2vs3</b>	*	2vs3	-	2vs3	-	<b>2vs3</b>	**	2vs3	-		

Nota. N = amostra total; n = nº de participantes; M = Média; DP = Desvio Padrão; F = ANOVA; FACES-IV = Escala de Avaliação da Adaptabilidade e da Coesão Familiar versão IV; 1 = 1 filho; 2 = 2 filhos; 3 = 3 filhos ou +; \*  $p < 0,05$ ; \*\*  $p < 0,01$ ; \*\*\*  $p < 0,001$ ; <sup>NS</sup> = Não significativo

Na Tabela 16, observa-se que as subescalas da *Comunicação* e da *Satisfação* variaram de forma estatisticamente significativa ( $p \leq 0,05$ ) em função do número de filhos. Novamente, verificam-se valores mais altos na subescala da *Comunicação* ( $M = 40,27$ ) e da *Satisfação* ( $M = 37,41$ ) nos participantes com 2 filhos.

À *posteriori*, partindo da comparação múltipla de média de ordens, é possível verificar diferenças estatisticamente significativas ( $p \leq 0,05$ ) nas subescalas da *Comunicação* e *Satisfação* entre participantes com 1 filho e participantes com 2 filhos.

**Tabela 16**

*Subescalas comunicação e satisfação da FACES-IV e número de filhos (N = 347)*

Número de filhos	FACES-IV			
	Comunicação		Satisfação	
	M	DP	M	DP
<b>1 filho</b> (n = 128)	38,36	7,05	34,77	8,58
<b>2 filhos</b> (n = 177)	<b>40,27</b>	5,32	<b>37,41</b>	6,76
<b>3 filhos ou +</b> (n = 42)	38,40	7,19	35,05	9,27
<i>F</i>	3,992*		4,716*	
	<b>1vs2</b>	*	<b>1vs2</b>	*
<b>Comparação múltipla de média de ordens</b>	1vs3	-	1vs3	-
	2vs3	-	2vs3	-

*Nota.* N = amostra total; n = n° de participantes; M = Média; DP = Desvio Padrão; F = ANOVA; FACES-IV = Escala de Avaliação da Adaptabilidade e da Coesão Familiar versão IV; 1 = 1 filho; 2 = 2 filhos; 3 = 3 filhos ou +; \* p < 0,05; \*\* p < 0,01; \*\*\* p < 0,001; NS = Não significativo

Na Tabela 17, observa-se que as subescalas equilibradas *Coesão* e *Flexibilidade* variaram de forma estatisticamente significativa ( $p \leq 0,05$ ) em função da situação relacional dos participantes. Os resultados mais altos, verificam-se nos participantes em *União de facto/ Casados e Solteiros que coabitam com cônjuge e filho(s)*, nas duas subescalas equilibradas *Coesão* e *Flexibilidade* ( $M_{coesão} = 30,26$ ;  $M_{flexibilidade} = 28,41$ ).

Verificaram-se diferenças estatisticamente significativas ( $p \leq 0,05$ ), no que respeita à *Coesão*, entre: i) participantes em *União de facto/ Casados e Solteiros que coabitam com cônjuge e filho(s)* e participantes *Separados/ Divorciados e Solteiros que coabitam apenas com filho(s)* e também com ii) participantes em *União de facto/ Casados e Solteiros que coabitam com cônjuge e filho(s)* e participantes *Recasados/ Nova União de facto que coabitam com cônjuge e filho(s)*.

Quanto à *Flexibilidade* observaram-se diferenças entre participantes em *União de facto/ Casados e Solteiros que coabitam com cônjuge e filho(s)* e participantes *Separados/ Divorciados e Solteiros que coabitam apenas com filho(s)*.

No que diz respeito às subescalas desequilibradas, os valores são, no geral, baixos e, mais uma vez, embora existam diferenças estatisticamente significativas entre os grupos, estas não se traduzem num funcionamento familiar muito distinto.

**Tabela 17**

*Subescalas equilibradas e desequilibradas da FACES-IV e situação relacional (N = 347)*

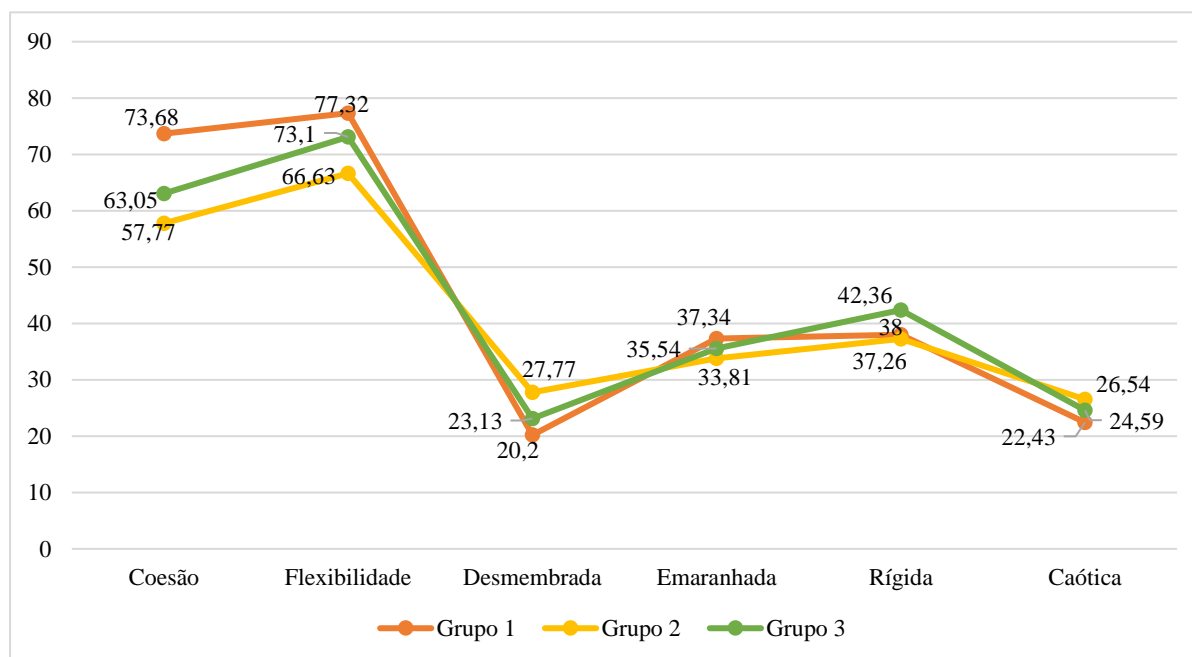
Situação relacional <sup>a</sup>	FACES-IV											
	Subescalas equilibradas						Subescalas desequilibradas					
	Coesão		Flexibilidade		Desmembrada		Emaranhada		Rígida		Caótica	
	M	DP	M	DP	M	DP	M	DP	M	DP	M	DP
<b>União de facto/ Casados e Solteiros que coabitam com cônjuge e filho(s) (n = 230)</b>	<b>30,26</b>	3,15	<b>28,41</b>	3,33	13,11	3,44	<b>19,70</b>	2,64	19,60	3,80	14,20	3,51
<b>Separados/ Divorciados e Solteiros que coabitam apenas com filho(s) (n = 78)</b>	27,41	4,72	26,19	4,19	<b>15,91</b>	4,97	18,32	3,74	19,46	3,45	<b>15,64</b>	4,15
<b>Recasados/ Nova União de facto que coabitam com cônjuge e filho(s) (n = 39)</b>	28,38	5,09	27,31	5,14	14,05	4,66	19,21	2,63	<b>20,82</b>	3,53	14,87	4,18
<b>F</b>	<b>17,982***</b>		<b>10,437***</b>		<b>14,523***</b>		<b>6,485**</b>		2,043 <sup>NS</sup>		4,412*	
<b>Comparação múltipla de médias de ordens</b>	<b>1vs2</b>	***	<b>1vs2</b>	***	<b>1vs2</b>	***	1vs2	***	1vs2	-	<b>1vs2</b>	**
	<b>1vs3</b>	*	1vs3	-	1vs3	-	1vs3	-	1vs3	-	1vs3	-
	2vs3	-	2vs3	-	<b>2vs3</b>	*	2vs3	-	2vs3	-	2vs3	-

Nota. <sup>a</sup> A situação relacional representa a junção do estado civil e do agregado familiar; N = amostra total; n = n° de participantes; M = Média; DP = Desvio Padrão; F = ANOVA; FACES-IV = Escala de Avaliação da Adaptabilidade e da Coesão Familiar versão IV; 1 = União de facto/ Casados e Solteiros que coabitam com cônjuge e filho(s); 2 = Separados/ divorciados e Solteiros que coabitam apenas com filho(s); 3 = Recasados/ Nova união de facto que coabitam com cônjuge e filho(s); \*p < 0,05; \*\*p < 0,01; \*\*\* p < 0,001; <sup>NS</sup> = Não significativo

A Figura 3 representa o cálculo do *Cluster* em que os participantes deste estudo se encontram em função da situação relacional, obtido através dos percentis médios em cada subescala. Verifica-se que os três grupos se enquadram no *Cluster* 1: Famílias Equilibradas (Olson & Gorall, 2006).

**Figura 3**

*Perfil dos participantes em função da situação relacional: resultados das subescalas da FACES-IV*



Nota. Grupo 1= União de facto/ Casados e Solteiros que coabitam com cônjuge e filho(s); Grupo 2 = Separados/ divorciados e Solteiros que coabitam apenas com filho(s); Grupo 3 = Recasados/ Nova união de facto que coabitam com cônjuge e filho(s)

Na Tabela 18, observa-se que as subescalas da *Comunicação* e da *Satisfação* variaram de forma estatisticamente significativa ( $p \leq 0,05$ ) em função da situação relacional. Os valores mais altos nas subescalas da *Comunicação* ( $M = 40,03$ ) e da *Satisfação* ( $M = 37,20$ ) verificam-se nos participantes em *União de facto/ Casados e Solteiros que coabitam com cônjuge e filho(s)*.

À *posteriori*, partindo da comparação múltipla de média de ordens, é possível verificar diferenças estatisticamente significativas ( $p \leq 0,05$ ) nas subescalas da *Comunicação* e *Satisfação* entre participantes em *União de facto/ Casados e Solteiros que coabitam com cônjuge e filho(s)* e participantes *Separados/ Divorciados e Solteiros que coabitam apenas com filho(s)*.

**Tabela 18***Subescalas da comunicação e da satisfação e situação relacional (N = 347)*

Situação Relacional <sup>a</sup>	FACES-IV			
	Comunicação		Satisfação	
	M	DP	M	DP
União de facto/ Casados e Solteiros que coabitam com cônjuge e filho(s) (n = 230)	40,03	5,43	37,20	6,73
Separados/ Divorciados e Solteiros que coabitam apenas com filho(s) (n = 78)	37,46	7,53	33,45	9,59
Recasados/ Nova União de facto que coabitam com cônjuge e filho(s) (n = 39)	39,00	7,63	35,33	9,12
<i>F</i>	5,020**		7,095***	
	1vs2	**	1vs2	***
Comparação múltipla de médias de ordens	1vs3	-	1vs3	-
	2vs3	-	2vs3	-

Nota. <sup>a</sup> A situação relacional representa a junção do estado civil e do agregado familiar; N = amostra total; n = n° de participantes; M = Média; DP = Desvio Padrão; F = ANOVA; FACES-IV = Escala de Avaliação da Adaptabilidade e da Coesão Familiar versão IV; 1 = União de facto/ Casados e Solteiros que coabitam com cônjuge e filho(s); 2 = Separados/ Divorciados e Solteiros que coabitam apenas com filho(s); 3 = Recasados/ Nova união de facto que coabitam com cônjuge e filho(s); \*p < 0,05; \*\*p < 0,01; \*\*\*p < 0,001; NS = Não significativo

### Perceção da Resiliência Familiar em pais e mães

Os resultados obtidos nas dimensões da *Walsh Family Resilience Questionnaire* (WFRQ) estão sintetizados na Tabela 19. Na subescala *Sistema de Crenças*, observam-se resultados considerados altos (M = 61,87). Nas dimensões *Padrões Organizacionais* e *Comunicação e Resolução de Problemas* observam-se valores médios altos (M<sub>padrões organizacionais</sub> = 39,26; M<sub>comunicação e resolução de problemas</sub> = 21,76).

**Tabela 19***Dimensões da WFRQ (N = 347)*

Subescalas	M	DP	Intervalo
Sistema de Crenças	64,87	11,18	17 – 80
Padrões Organizacionais	39,26	7,17	10 – 50
Comunicação e Resolução de Problemas	21,76	4,63	6 – 30

Nota. N = amostra total; n = n° de participantes; M = Média; DP = Desvio Padrão

Na Tabela 20 estão representadas as diferenças entre as dimensões da WFRQ e as variáveis da idade e do subsistema parental.

Os sujeitos com idades compreendidas entre os 22 e os 35 anos percecionam a sua família como mais resiliente na dimensão *Sistema de Crenças* (M = 66,53). Relativamente às dimensões *Padrões Organizacionais* e *Comunicação e Resolução de Problemas*, são os

sujeitos com idades compreendidas entre os 36 e os 40 anos que percecionam a sua família como mais resiliente ( $M_{padrões\ organizacionais} = 40,07$ ;  $M_{comunicação\ e\ resolução\ de\ Problemas} = 22,68$ ).

As mães são quem apresentam valores mais elevados em todas as dimensões ( $M_{sistema\ de\ crenças} = 65,84$ ;  $M_{padrões\ organizacionais} = 40,00$ ;  $M_{comunicação\ e\ resolução\ de\ problemas} = 21,99$ ). Verificaram-se diferenças estatisticamente significativas ( $p \leq 0,05$ ) entre pais e mães nas dimensões *Sistema de Crenças e Padrões Organizacionais*.

**Tabela 20**

*Dimensões da WFRQ – idade e subsistema parental (N = 347)*

Idade	WFRQ					
	Sistema de Crenças		Padrões Organizacionais		Comunicação e Resolução de Problemas	
	M	DP	M	DP	M	DP
<b>22-35</b> (1) (n = 66)	<b>66,53</b>	10,14	39,86	6,41	22,44	4,37
<b>36-40</b> (2) (n = 74)	65,19	12,56	<b>40,07</b>	7,97	<b>22,68</b>	4,59
<b>41-50</b> (3) (n = 158)	64,08	11,03	38,76	7,34	21,42	4,61
<b>≥51</b> (4) (n = 49)	64,71	10,85	38,82	6,29	20,51	4,84
<b>F</b>	0,769 <sup>NS</sup>		0,786 <sup>NS</sup>		<b>2,954*</b>	
<b>Comparação múltipla de médias de ordens</b>	1vs2	-	1vs2	-	1vs2	-
	1vs3	-	1vs3	-	1vs3	-
	1vs4	-	1vs4	-	1vs4	-
	2vs3	-	2vs3	-	2vs3	-
	2vs4	-	2vs4	-	2vs4	-
	3vs4	-	3vs4	-	3vs4	-
<b>Subsistema parental</b>	<b>M</b>	<b>DP</b>	<b>M</b>	<b>DP</b>	<b>M</b>	<b>DP</b>
<b>Pai</b> (n = 80)	61,66	12,65	36,78	8,11	20,96	4,23
<b>Mãe</b> (n = 267)	<b>65,84</b>	10,53	<b>40,00</b>	6,71	<b>21,99</b>	4,73
<b>t</b>	<b>- 2,962**</b>		<b>-3,588***</b>		<b>-1,750<sup>NS</sup></b>	

Nota. N = amostra total; n = nº de participantes; M = Média; DP = Desvio Padrão; F = ANOVA; t = T de Student; WFRQ = *Questionário de Resiliência Familiar de Walsh*; \* p < 0,05; \*\* p < 0,01; \*\*\* p < 0,001; <sup>NS</sup> = Não significativo

Na Tabela 21, observa-se que os sujeitos pertencentes às famílias nucleares intactas apresentam os valores mais elevados de resiliência em todas as dimensões ( $M_{sistema\ de\ crenças} = 66,74$ ;  $M_{padrões\ organizacionais} = 40,46$ ;  $M_{comunicação\ e\ resolução\ de\ problemas} = 22,68$ ).

Partindo da comparação múltipla de média de ordens, é possível verificar diferenças estatisticamente significativas ( $p \leq 0,05$ ) em todas as dimensões da resiliência em função da tipologia familiar. Na subescala *Sistema de Crenças, Padrões Organizacionais e Comunicação e Resolução de Problemas* existem diferenças entre: i) família nuclear intacta e família monoparental e também entre ii) família nuclear intacta e família reconstituída.



**Tabela 21***Dimensões da WFRQ e tipologias familiares (N = 336)<sup>a</sup>*

Tipologia familiar	WFRQ					
	Sistema de Crenças		Padrões Organizacionais		Comunicação e Resolução de Problemas	
	M	DP	M	DP	M	DP
Família nuclear intacta (n = 214)	66,74	9,57	40,46	6,29	22,68	4,92
Família monoparental (n = 71)	61,37	12,97	37,07	8,16	19,73	4,60
Família reconstituída (n = 51)	61,92	13,11	37,25	8,49	20,82	4,32
<b>F</b>	<b>8,452***</b>		<b>8,515***</b>		<b>12,860***</b>	
Comparação múltipla de médias de ordens	1vs2	***	1vs2	**	1vs2	***
	1vs3	*	1vs3	*	1vs3	*
	2vs3	-	2vs3	-	2vs3	-

Nota. <sup>a</sup> o N é menor que a amostra total devido ao número reduzido de famílias nucleares alargada (11 casos); N = amostra total; n = n° de participantes; M = Média; DP = Desvio Padrão; F = ANOVA; WFRQ = *Questionário de Resiliência Familiar de Walsh*; 1 = Família nuclear intacta; 2 = Família monoparental; 3 = Família reconstituída; \* p < 0,05; \*\* p < 0,01; \*\*\* p < 0,001; NS = Não significativo

Na Tabela 22 é possível observar que os participantes com 2 filhos percecionam a sua família como mais resiliente em todas as dimensões da WFRQ ( $M_{sistema\ de\ crenças} = 66,41$ ;  $M_{padrões\ organizacionais} = 40,25$ ;  $M_{comunicação\ e\ resolução\ de\ problemas} = 22,24$ ).

Verificaram-se diferenças estatisticamente significativas ( $p \leq 0,05$ ), no que respeita ao *Sistema de Crenças e Padrões Organizacionais* entre participantes com 1 filho e participantes com 2 filhos.

**Tabela 22***Dimensões da WFRQ e número de filhos (N = 347)*

Número de filhos	WFRQ					
	Sistemas de Crenças		Padrões Organizacionais		Comunicação e Resolução de Problemas	
	M	DP	M	DP	M	DP
1 filho (n = 128)	63,20	13,13	38,23	7,94	21,53	5,08
2 filhos (n = 177)	66,41	9,23	40,25	6,13	22,24	4,16
3 filhos ou + (n = 42)	63,50	11,55	38,19	8,29	20,40	4,88
<b>F</b>	<b>3,487*</b>		<b>3,548*</b>		2,927 <sup>NS</sup>	
Comparação múltipla de média de ordens	1vs2	*	1vs2	*		
	1vs3	-	1vs3	-		
	2vs3	-	2vs3	-		

Nota. N = amostra total; n = n° de participantes; M = Média; DP = Desvio Padrão; F = ANOVA; WFRQ = *Questionário de Resiliência Familiar de Walsh*; 1 = 1 filho; 2 = 2 filhos; 3 = 3 filhos ou +; \* p < 0,05; \*\* p < 0,01; \*\*\*p < 0,001; <sup>NS</sup> = Não significativo

As dimensões *Sistema de Crenças, Padrões Organizacionais e Comunicação e Resolução de Problemas* variaram de forma estatisticamente significativa ( $p \leq 0,05$ ) em função da situação relacional (Tabela 23). Os valores mais altos são dos participantes em *União de facto/ Casados*

e Solteiros que coabitam com cônjuge e filho(s) nas dimensões do Sistema de Crenças ( $M = 66,71$ ), Padrões Organizacionais ( $M = 40,43$ ) e Comunicação e Resolução de Problemas ( $M = 22,63$ ).

Verificaram-se diferenças estatisticamente significativas ( $p \leq 0,05$ ), no que respeita ao Sistema de Crenças, Padrões Organizacionais e Comunicação e Resolução de Problema entre participantes em União de facto/ Casados e Solteiros que coabitam com cônjuge e filho(s) e participantes Separados/ Divorciados e Solteiros que coabitam apenas com filho(s).

**Tabela 23**

*Dimensões da WFRQ e situação relacional (N = 347)*

Situação relacional <sup>a</sup>	WFRQ					
	Sistemas de Crenças		Padrões Organizacionais		Comunicação e Resolução de Problemas	
	M	DP	M	DP	M	DP
União de facto/ Casados e Solteiros que coabitam com cônjuge e filho(s) (n = 230)	66,71	9,59	40,43	6,20	22,63	4,45
Separados/ Divorciados e Solteiros que coabitam apenas com filho(s) (n = 78)	60,08	13,24	36,47	8,21	19,56	4,61
Recasados/ Nova União de facto que coabitam com cônjuge e filho(s) (n = 39)	63,62	12,59	37,92	8,60	21,00	4,26
<b>F</b>	<b>11,165***</b>		<b>10,107***</b>		<b>14,343***</b>	
	<b>1vs2</b>	<b>***</b>	<b>1vs2</b>	<b>***</b>	<b>1vs2</b>	<b>***</b>
Comparação múltipla de média de ordens	1vs3	-	1vs3	-	1vs3	-
	2vs3	-	2vs3	-	2vs3	-

Nota. <sup>a</sup> A situação relacional representa a junção do estado civil e do agregado familiar; N = amostra total; n = n° de participantes; M = Média; DP = Desvio Padrão; F = ANOVA; WFRQ = *Questionário de Resiliência Familiar de Walsh*; 1 = União de facto/ Casados e Solteiros que coabitam com cônjuge e filho(s); 2 = Separados/ Divorciados e Solteiros que coabitam apenas com filho(s); 3 = Recasados/ Nova união de facto que coabitam com cônjuge e filho(s); \* $p < 0,05$ ; \*\* $p < 0,01$ ; \*\*\* $p < 0,001$ ; <sup>NS</sup> = Não significativo

## Perceção da coparentalidade em pais e mães

Os resultados obtidos nas dimensões do Questionário da Coparentalidade (QC) estão sintetizados na Tabela 24.

**Tabela 24**

*Dimensões do QC (N = 347)*

Subescalas	M	DP	Intervalo
Cooperação	19,51	5,57	5 – 25
Triangulação	6,04	3,65	4 – 20
Conflito	10,29	4,42	5 – 25

Nota. N = amostra total; n = n° de participantes; M = Média; DP = Desvio Padrão

A Tabela 25 apresenta as diferenças entre as dimensões do QC e as variáveis da idade e do subsistema parental. Os sujeitos com idades compreendidas entre os 22 e os 35 anos apresentam maiores níveis de *Cooperação* ( $M = 20,88$ ). Quanto às dimensões *Triangulação* e *Conflito*, os valores mais elevados verificam-se nos sujeitos com idades compreendidas entre os 41 e os 50 anos ( $M_{triangulação} = 6,41$ ;  $M_{conflito} = 10,56$ ). Verificaram-se diferenças estatisticamente significativas ( $p \leq 0,05$ ) no que respeita à *Cooperação* entre sujeitos com idades compreendidas entre os 22 e os 35 anos e sujeitos com idades compreendidas entre os 41 e os 50 anos.

Os resultados evidenciam que a perceção da coparentalidade apresenta diferenças significativas em função do subsistema parental dos pais nas subescalas da *Triangulação* e do *Conflito*. Segundo os resultados obtidos, os pais tendem a perceber mais conflito e triangulação face à mãe dos seus filhos ( $M_{triangulação} = 7,29$ ;  $M_{conflito} = 11,21$ ), enquanto que as mães percebem menores níveis de conflito e triangulação relativamente a estes ( $M_{triangulação} = 5,67$ ;  $M_{conflito} = 10,01$ ).

**Tabela 25**

*Dimensões do QC – idade e subsistema parental (N = 347)*

	QC					
	Cooperação		Triangulação		Conflito	
Idade	M	DP	M	DP	M	DP
22-35 (1) (n = 66)	20,88	4,99	5,56	3,17	10,02	4,41
36-40 (2) (n = 74)	20,31	5,61	6,09	3,92	10,42	4,28
41-50 (3) (n = 158)	18,52	5,82	<b>6,41</b>	3,93	<b>10,56</b>	4,61
≥51 (4) (n = 49)	19,63	4,93	5,41	2,68	9,59	4,03
<b>F</b>	<b>3,597*</b>		1,426 <sup>NS</sup>		0,714 <sup>NS</sup>	
<b>Comparação múltipla de médias de ordens</b>	1vs2	-	1vs2	-	1vs2	-
	<b>1vs3</b>	*	1vs3	-	1vs3	-
	1vs4	-	1vs4	-	1vs4	-
	2vs3	-	2vs3	-	2vs3	-
	2vs4	-	2vs4	-	2vs4	-
	3vs4	-	3vs4	-	3vs4	-
<b>Subsistema parental</b>	<b>M</b>	<b>DP</b>	<b>M</b>	<b>DP</b>	<b>M</b>	<b>DP</b>
<b>Pai (n = 80)</b>	19,19	5,57	<b>7,29</b>	4,57	<b>11,21</b>	4,81
<b>Mãe (n = 267)</b>	<b>19,60</b>	5,57	5,67	3,24	10,01	4,26
<b>t</b>	- 0,585 <sup>NS</sup>		<b>3,543***</b>		<b>2,138*</b>	

Nota. N = amostra total; n = nº de participantes; M = Média; DP = Desvio Padrão; F = ANOVA; t = T de Student; QC = Questionário da Coparentalidade; \* p < 0,05; \*\* p < 0,01; \*\*\* p < 0,001; NS = Não significativo

Na Tabela 26, observa-se que os sujeitos pertencentes às famílias nucleares intactas apresentam os valores mais elevados de *Cooperação* ( $M = 21,81$ ). Os níveis mais elevados de *Triangulação* verificam-se nas famílias reconstituídas ( $M = 7,65$ ) e de *Conflito* nas famílias monoparentais ( $M = 12,66$ ).

Existem diferenças estatisticamente significativas ( $p \leq 0,05$ ) no que respeita a todas as dimensões da coparentalidade – *Cooperação*, *Triangulação* e *Conflito* – entre: i) família nuclear intacta e família monoparental e ii) família nuclear intacta e família reconstituída.

Relativamente à dimensão *Cooperação*, verificaram-se, ainda, diferenças estatisticamente significativas entre família monoparental e família reconstituída.

**Tabela 26**

*Dimensões do QC e tipologias familiares (N = 336)<sup>a</sup>*

Tipologia familiar	QC					
	Cooperação		Triangulação		Conflito	
	M	DP	M	DP	M	DP
Família nuclear intacta (n = 214)	21,81	3,42	5,16	2,61	9,12	3,48
Família monoparental (n = 71)	14,04	6,05	7,54	4,18	12,66	4,81
Família reconstituída (n = 51)	17,37	6,43	7,65	5,24	11,84	5,35
<i>F</i>	81,614***		18,733***		24,138***	
Comparação múltipla de médias de ordens	1vs2	***	1vs2	***	1vs2	***
	1vs3	***	1vs3	***	1vs3	***
	2vs3	***	2vs3	-	2vs3	-

*Nota.* <sup>a</sup>o N é menor que a amostra total devido ao número reduzido de famílias nucleares alargada (11 casos); N = amostra total; n = n° de participantes; M = Média; DP = Desvio Padrão; F = ANOVA; QC = *Questionário da Coparentalidade*; 1 = Família nuclear intacta; 2 = Família monoparental; 3 = Família reconstituída; \*  $p < 0,05$ ; \*\*  $p < 0,01$ ; \*\*\*  $p < 0,001$ ; NS = Não significativo

Na Tabela 27 é possível observar que os participantes com 2 filhos percecionam a sua família como mais cooperante ( $M = 20,31$ ). Os sujeitos com 3 filhos ou + apresentam valores mais elevados nas subescalas *Triangulação* ( $M = 6,86$ ) e *Conflito* ( $M = 10,95$ ).

Verificaram-se diferenças estatisticamente significativas ( $p \leq 0,05$ ), no que respeita à *Cooperação* entre participantes com 2 filhos e participantes com 3 filhos ou +.

**Tabela 27***Dimensões do QC e número de filhos (N = 347)*

	QC					
	Cooperação		Triangulação		Conflito	
Número de filhos	M	DP	M	DP	M	DP
<b>1 filho</b> (n = 128)	19,11	5,88	6,12	3,39	10,35	4,41
<b>2 filhos</b> (n = 177)	<b>20,31</b>	5,07	5,79	3,61	10,09	4,19
<b>3 filhos ou +</b> (n = 42)	17,36	6,01	<b>6,86</b>	4,44	<b>10,95</b>	5,35
<b>F</b>	<b>5,413**</b>		1,498 <sup>NS</sup>		0,664 <sup>NS</sup>	
	1vs2	-				
<b>Comparação múltipla de média de ordens</b>	1vs3	-				
	<b>2vs3</b>	<b>**</b>				

Nota. N = amostra total; n = nº de participantes; M = Média; DP = Desvio Padrão; F = ANOVA; QC = *Questionário da Coparentalidade*; 1 = 1 filho; 2 = 2 filhos; 3 = 3 filhos ou +; \*  $p < 0,05$ ; \*\*  $p < 0,01$ ; \*\*\*  $p < 0,001$ ; <sup>NS</sup> = Não significativo

As dimensões da Coparentalidade variaram de forma estatisticamente significativa ( $p \leq 0,05$ ) em função da situação relacional (Tabela 28). Os participantes em *União de facto/ Casados e Solteiros que coabitam com cônjuge e filho(s)* apresentaram os valores mais elevados na dimensão da *Cooperação* ( $M = 21,70$ ). Relativamente às dimensões *Triangulação* e *Conflito*, foram os participantes *Separados/ Divorciados e Solteiros que coabitam apenas com filho(s)* que evidenciaram valores mais elevados ( $M_{Triangulação} = 7,85$ ;  $M_{Conflito} = 12,71$ ).

Verificaram-se diferenças estatisticamente significativas ( $p \leq 0,05$ ), no que respeita a todas as dimensões da Coparentalidade – *Cooperação*, *Triangulação* e *Conflito* – entre: i) participantes em *União de facto/ Casados e Solteiros que coabitam com cônjuge e filho(s)* e participantes *Separados/ Divorciados e Solteiros que coabitam apenas com filho(s)* e ii) participantes em *União de facto/ Casados e Solteiros que coabitam com cônjuge e filho(s)* e participantes *Recasados/ Nova União de Facto que coabitam com cônjuge e filho(s)*.

A dimensão da *Cooperação* apresentou, ainda, diferenças entre participantes *Separados/ Divorciados e Solteiros que coabitam apenas com filho(s)* e participantes *Recasados/ Nova União de Facto que coabitam com cônjuge e filho(s)*.

**Tabela 28***Dimensões do QC e situação relacional (N = 347)*

Situação relacional <sup>a</sup>	QC					
	Cooperação		Triangulação		Conflito	
	M	DP	M	DP	M	DP
União de facto/ Casados e Solteiros que coabitam com cônjuge e filho(s) (n = 230)	21,70	3,41	5,18	2,62	9,19	3,58
Separados/ Divorciados e Solteiros que coabitam apenas filho(s) (n = 78)	14,14	6,13	7,85	4,58	12,71	5,06
Recasados/ Nova União de facto que coabitam com cônjuge e filho(s) (n = 39)	17,31	6,55	7,49	4,91	11,95	5,12
<b>F</b>	<b>84,818***</b>		<b>21,183***</b>		<b>24,445***</b>	
	<b>1vs2</b>	<b>***</b>	<b>1vs2</b>	<b>***</b>	<b>1vs2</b>	<b>***</b>
Comparação múltipla de média de ordens	<b>1vs3</b>	<b>***</b>	<b>1vs3</b>	<b>***</b>	<b>1vs3</b>	<b>***</b>
	<b>2vs3</b>	<b>***</b>	<b>2vs3</b>	<b>-</b>	<b>2vs3</b>	<b>-</b>

Nota. <sup>a</sup> A situação relacional representa a junção do estado civil e do agregado familiar; N = amostra total; n = n° de participantes; M = Média; DP = Desvio Padrão; F = ANOVA; QC = *Questionário da Coparentalidade*; 1 = União de facto/ Casados e Solteiros que coabitam com cônjuge e filho(s); 2 = Separados/ Divorciados e Solteiros que coabitam apenas com filho(s); 3 = Recasados/ Nova união de facto que coabitam com cônjuge e filho(s); \*p < 0,05; \*\*p < 0,01; \*\*\*p < 0,001; NS = Não significativo

### Relação entre o Funcionamento Familiar (FACES-IV) e a Coparentalidades (QC)

A Tabela 29 apresenta os valores das correlações de *Pearson* entre o funcionamento familiar (FACES-IV) e coparentalidade (QC).

As subescalas do funcionamento familiar – *Coesão*, *Flexibilidade*, *Comunicação* e *Satisfação* – estão correlacionadas moderadamente ( $r = 0,30$  a  $0,49$ ) e elevadamente ( $r = 0,50$  a  $1$ ) e as correlações são estatisticamente significativas ( $p \leq 0,01$ ) com a dimensão *Cooperação*. As subescalas desequilibradas *Desmembrada* e *Caótica* (FACES-IV) apresentam correlações negativas, estatisticamente significativas ( $p \leq 0,01$ ) moderadas com a dimensão *Cooperação*.

As subescalas *Coesão*, *Flexibilidade*, *Comunicação* e *Satisfação* apresentam correlações negativas, estatisticamente significativas ( $p \leq 0,01$ ) moderadas com a dimensão *Triangulação*. As subescalas desequilibradas *Desmembrada* e *Caótica* apresentam correlações baixas e moderadas, estatisticamente significativas ( $p \leq 0,01$ ) com a dimensão *Triangulação*.

As subescalas *Coesão*, *Flexibilidade*, *Comunicação* e *Satisfação* apresentam correlações negativas, estatisticamente significativas ( $p \leq 0,01$ ) moderadas com as dimensões *Triangulação* e *Conflito*. As subescalas desequilibradas *Desmembrada* e *Caótica* apresentam correlações baixas e moderadas, estatisticamente significativas ( $p \leq 0,01$ ) com as dimensões *Triangulação* e *Conflito*.

As correlações não foram estatisticamente significativas na subescala *Rígida* em todas as dimensões da Coparentalidade e, na *Emaranhada*, nas dimensões *Triangulação* e *Conflito*.

**Tabela 29**

*Coefficientes de correlação linear de Pearson entre a FACES-IV e o QC (N = 347)*

	QC		
	Cooperação	Triangulação	Conflito
FACES-IV			
Coesão equilibrada	0,513***	-0,392***	-0,351***
Flexibilidade equilibrada	0,520**	-0,360***	-0,394***
Desmembrada	-0,426***	0,356***	0,300**
Emaranhada	0,165**	-0,065 <sup>NS</sup>	0,007 <sup>NS</sup>
Rígida	0,034 <sup>NS</sup>	0,010 <sup>NS</sup>	-0,018 <sup>NS</sup>
Caótica	-0,302***	0,216***	0,260***
Comunicação	0,435***	-0,359***	-0,403***
Satisfação	0,430***	-0,334***	-0,360***

Nota. FACES-IV = Escala de Avaliação da Adaptabilidade e da Coesão Familiar versão IV; QC = Questionário da Coparentalidade; \* $p < 0,05$ ; \*\* $p < 0,01$ ; \*\*\* $p < 0,001$ ; <sup>NS</sup> = Não significativo

### Discussão dos resultados

O presente estudo teve como objetivo estudar a percepção de funcionamento familiar, resiliência e coparentalidade em pais e mães residentes em Portugal em função da situação relacional.

Os resultados apresentados permitem concluir que:

- 1) Os pais e mães, independentemente da situação relacional, percecionam o seu funcionamento familiar como equilibrado – inserem-se no *Cluster 1: Famílias Equilibradas*.
- 2) Os pais e mães em *União de facto/ Casados e Solteiros que coabitam com cônjuge e filho(s)* percecionam um funcionamento mais equilibrado, uma percepção mais positiva sobre a comunicação e maior satisfação familiar, em comparação com *pais e mães Separados/ Divorciados e Solteiros que coabitam apenas com filho(s)* e *pais e mães Recasados/ Nova união de facto que coabitam com cônjuge e filho(s)*.
- 3) Os pais e mães em *União de facto/ Casados e Solteiros que coabitam com cônjuge e filho(s)* percecionam a sua família como mais resiliente, em comparação com pais e mães nas outras situações relacionais.
- 4) Os pais e mães em *União de facto/ Casados e Solteiros que coabitam com cônjuge e filho(s)* apresentam maiores níveis de cooperação comparativamente a *pais e mães Separados/ Divorciados e Solteiros que coabitam apenas com filho(s)* e *pais e mães Recasados/ Nova união de facto que coabitam com cônjuge e filho(s)*.
- 5) Os níveis de triangulação e conflito revelam-se superiores em *pais e mães Separados/ Divorciados e Solteiros que coabitam apenas com filho(s)* sendo os pais e mães em *União*

*de facto/ Casados e Solteiros que coabitam com cônjuge e filho(s)* que apresentam níveis mais baixos de triangulação e conflito.

- 6) Verifica-se correlação entre a percepção do funcionamento familiar e a coparentalidade. É possível verificar que a coesão e flexibilidade equilibradas, emaranhamento, comunicação e satisfação correlacionam-se com a cooperação. Neste estudo verifica-se que existe correlação entre o funcionamento familiar desequilibrado (desmembramento e caoticidade) e a triangulação e o conflito, apresentando esta correlação um impacto negativo relativamente aos indicadores associados à cooperação. É possível verificar ainda que a coesão, flexibilidade, comunicação e satisfação apresentam correlações negativas com a triangulação e o conflito.

Os pais e mães, na sua globalidade, percebem as suas famílias como equilibradas tendo obtido pontuações elevadas nas subescalas equilibradas e baixas nas subescalas desequilibradas. De acordo com os *Clusters* definidos por Olson e Gorall (2006), podemos enquadrar estas famílias no *Cluster 1: Equilibradas (Balanced)*. Estes resultados são corroborados pelos estudos de Cerveira (2015) e Neves (2015) com diversos participantes portugueses, onde estes perceberam as suas famílias como coesas e flexíveis. Relativamente aos valores mais elevados na subescala desequilibrada *Rígida*, podem ser explicados porque nas famílias equilibradas a rigidez moderada pode ser adaptativa, estando associada à coesão equilibrada e à flexibilidade equilibrada (Everri et al., 2016).

É importante realçar que, não obstante as diferenças que iremos descrever posteriormente, todas as famílias se enquadrarem no *Cluster 1*. Este resultado poderá estar relacionado com o facto de as famílias, apesar dos desafios que o divórcio acarreta, possuírem recursos internos e externos que lhes possibilitam adotar uma resposta adaptativa à situação familiar (Quesada, 2003). Para mais, o divórcio, enquanto momento de *stress* e adversidade, pode constituir uma ocasião de oportunidade e/ou risco. Sendo as famílias inquiridas com elevada coesão e capacidade de mudança, à partida, conseguirão ajustar-se aos desafios que lhe forem emergindo, promovendo a mudança ao longo do tempo.

Segundo Amato (2000), a grande maioria dos indivíduos regressam ao seu nível de funcionamento pré-divórcio, após algum tempo da separação. Nesta investigação, o tempo médio decorrido desde o processo de divórcio é de 6 anos, o que pode corresponder a um período de tempo suficiente para que os sujeitos retomem o seu funcionamento familiar pré-divórcio.

*Os pais e mães em União de facto/ Casados e Solteiros que coabitam com cônjuge e filho(s)* percebem um funcionamento mais equilibrado em comparação com *pais e mães*



*Separados/ Divorciados e Solteiros que coabitam apenas com filho(s) e pais Recasados/ Nova união de facto que coabitam com cônjuge e filho(s)*. O estudo de Andrade (2018) analisou o funcionamento familiar em diferentes contextos familiares de 232 sujeitos e verificou também que, indivíduos casados ou em união de facto, percecionam índices mais elevados de coesão familiar. Na mesma linha de investigação, Neto (2019) verificou igualmente níveis mais altos de coesão e flexibilidade em sujeitos solteiros/ união de facto/ casados em comparação com sujeitos divorciados.

Os pais e mães em *União de facto/ Casados e Solteiros que coabitam com cônjuge e filho(s)* percecionam a sua família como mais resiliente, em comparação com pais e mães nas outras situações relacionais. Estes resultados são corroborados por Dâmaso (2018) que analisou a relação entre resiliência e fatores sociodemográficos em 338 indivíduos e que concluiu que os indivíduos casados percecionam maior resiliência do que os indivíduos divorciados/separados e viúvos.

Globalmente, verificou-se fraca cooperação nos *pais e mães Separados/ Divorciados e Solteiros que coabitam apenas com filho(s)*, resultado também encontrado em diversos estudos sobre desafios da coparentalidade no divórcio (Baptista, 2001). Uma investigação realizada por Pereira et al. (2016) que procurou analisar e comparar a coparentalidade entre mães e pais divorciados/ separados/ em processo de divórcio e pais e mães casados/ em união de facto, verificou que os pais e mães casados/em união de facto revelaram maior cooperação na coparentalidade. Por sua vez, pais e mães divorciados/ separados/ em processo de divórcio registaram níveis mais elevados de conflito e triangulação, tal como na presente investigação. Também Marques (2013) refere que o conflito interparental, frequente nas situações de divórcio, influencia o comportamento dos pais e mães, originando práticas mais negativas. Estes resultados sugerem que *pais e mães Separados/ Divorciados e Solteiros que coabitam apenas com filho(s)* apresentam uma perceção menos positiva em relação ao outro e maior conflito. Esta perceção pode ser fundamentada, por um lado, pelos conflitos relacionais e sentimentos negativos inerentes ao processo de separação/ divórcio e, por outro, pelo facto de estarem muito focados no exercício das responsabilidades parentais dos filhos.

As questões relacionadas com a gestão da parentalidade no pós-divórcio são complexas pois implicam o luto da ex-conjugalidade vivenciada até então. A separação da conjugalidade, conduz à alteração no modelo de parentalidade e este processo tende a ser difícil e demorado. A nova realidade em que a família se encontra requer, por isso, tempo de adaptação e organização às novas circunstâncias. Este processo de mudança pode ser acompanhado de conflito, o que é normativo e que, frequentemente, se mantém no tempo. Como se mantém ao

longo do tempo, este processo tem um forte impacto na parentalidade, pois pode gerar uma perspectiva negativa dos pais um face ao outro e, conseqüentemente, afetar o seu papel de pais.

Podemos concluir que os elevados níveis de conflito e triangulação geradas por estas situações podem resultar numa menor cooperação, o que poderá fundamentar os resultados obtidos neste estudo. Adicionalmente, as dificuldades em articular as necessidades emocionais e materiais, a interação com as famílias de origem do cônjuge anterior e as triangulações disfuncionais estabelecidas podem amplificar o conflito e pontuar os comportamentos parentais (Gomes, 2010; Erel & Burman, 1995).

Neste estudo foram encontradas correlações entre a percepção do funcionamento familiar e a coparentalidade. A adaptabilidade e a coesão são consideradas os principais componentes de qualquer família (Maynard & Olson, 1987), sendo, também, consideradas essenciais numa boa coparentalidade. Neste estudo podemos observar que as variáveis adaptabilidade e coesão surgem como estando presentes numa melhor percepção da coparentalidade, tal como na investigação realizada por Agostinho (2009). Lamela et al. (2015) desenvolveram um estudo onde participaram 314 pais divorciados onde verificaram também que o grupo com maior coparentalidade cooperante relatou níveis mais elevados de funcionamento familiar equilibrado.

Os resultados indicaram igualmente que pais e mães pertencentes a famílias nucleares intactas percecionam-se com um funcionamento mais equilibrado, maior satisfação e resiliência familiar e maior cooperação comparativamente a famílias monoparentais e reconstituídas. Este resultado vai ao encontro dos estudos antes referenciados e de Cerveira (2015) onde verificou, numa amostra de 1089 participantes, que os que pertenciam a famílias nucleares intactas percecionaram mais coesão, flexibilidade, melhor comunicação e menos desmembramento, em comparação com sujeitos pertencentes a famílias monoparentais. Também Shek et al. (2015) verificou que as famílias nucleares intactas percecionam-se como tendo um funcionamento familiar mais equilibrado e com menor grau de conflito do que as restantes tipologias familiares.

Verifica-se que os resultados 2, 3 e 4 estão relacionados, concluindo-se que, comparativamente aos *pais e mães Separados/ Divorciados e Solteiros que coabitam apenas com filho(s)* e *pais e mães Recasados/ Nova união de facto que coabitam com cônjuge e filho(s)*, os *pais e mães em União de facto/ Casados e Solteiros que coabitam com cônjuge e filho(s)* percecionam um funcionamento mais equilibrado, uma percepção mais positiva sobre a comunicação, uma maior satisfação familiar, uma percepção de maior resiliência e maiores níveis de cooperação.

Apesar das limitações de estudos sobre as variáveis que possam reforçar o sentido dos resultados, é possível hipotetizar que *pais e mães Separados/ Divorciados e Solteiros que coabitam apenas com filho(s)* percebem menos flexibilidade e coesão familiar. Os fatores poderão estar relacionados com a experiência de situações desafiantes, como rutura do subsistema conjugal, afastamento de elementos familiares que faziam parte da rede de suporte, existir pouco contacto com os filhos, e/ou conflitos familiares significativos que poderão ter motivado a separação.

Outro fator que poderá reforçar estes resultados está relacionado com a partilha e gestão dos problemas. Pais e mães que vivem apenas com o(s) filho(s) poderão estar mais focados no dia a dia, devido às múltiplas exigências parentais, mais expostos a situações de *stress* como a gestão e sobrecarga de tarefas enquanto que, pais e mães em união de facto/ casados partilham dificuldades, resolvem conjuntamente problemas e ainda possuem apoio emocional do cônjuge. A nível financeiro, pais e mães em união de facto/ casados poderão também encontrar-se numa situação mais estável o que diminui o impacto do *stress* interno e externo.

Nas famílias monoparentais os desafios podem ser ainda mais elevados do que nas biparentais (Duis et al., 1997). Uma das razões pode estar relacionado com o facto de um dos pais ter de assumir sozinho as tarefas do subsistema parental o que pode levar a uma baixa percepção de suporte parental, sentimentos de falta de proteção e atenção (Hoffman, 1985). De acordo com Alarcão (2006), com a inexistência do subsistema conjugal, algumas potencialidades do mesmo são colocadas em causa, como o suporte emocional para a resolução de problemas, nomeadamente os relativos à educação dos filhos.

É importante referir que famílias que experienciam um processo de separação/divórcio deparam-se com um conjunto de aspetos diretamente relacionadas com a separação em si, que *pais e mães em União de facto/ Casados e Solteiros que coabitam com cônjuge e filho(s)* não experienciaram. Estes desafios estão relacionados com a redefinição de regras e tarefas, o exercício das responsabilidades parentais como, por exemplo, partilha de tempo com os filhos, divisão de responsabilidades em relação aos filhos dependentes, questões financeiras associadas a pensões alimentares, entre outros. Estes desafios poderão também ajudar a explicar os níveis mais baixos de coesão, de satisfação e de cooperação obtidos neste estudo.

Sublinha-se ainda que, os resultados obtidos podem estar fortemente pontuados por narrativas sociais dominantes relativas aos estereótipos relacionados com a normalidade e funcionalidade preferencial das famílias nucleares intactas, colocando as restantes famílias com um olhar de *deficit* sobre si mesmas. Isto é, pais e mães que não pertencem a famílias

nucleares intactas podem avaliar-se de forma mais negativa quando comparadas com esta tipologia familiar.

### **Conclusões**

A família, como um todo, é organizada por papéis e funções que são definidos pelos seus elementos. As alterações nos padrões sociais ao longo do tempo influenciam e modificam os papéis familiares, na medida em que a família atua em conformidade com a sociedade pela qual é fortemente influenciada. Verifica-se que, atualmente, a maioria das tipologias familiares existentes já não são as famílias consideradas tradicionais, isto é, constituídas por pais e filhos.

Verifica-se também um aumento sustentado de divórcios ao longo dos últimos anos. Como tal, no sentido de compreender o funcionamento familiar, principalmente a forma como pais e mães se organizam e funcionam, estudos mais aprofundados sobre a coparentalidade têm ganho relevância e importância ao longo dos últimos anos.

Verifica-se ao longo da investigação que diferentes variáveis diferiam em função da situação relacional, isto é, variava tendo em conta se os pais e mães se encontravam em união de facto, casados, solteiros, separados, divorciados ou recasados e se viviam ou não em conjunto com os filhos.

Uma das contribuições deste estudo é a análise das diferenças no funcionamento, resiliência familiar e coparentalidade entre as diferentes situações relacionais. Neste sentido, a principal conclusão que podemos retirar deste estudo é que, comparativamente aos *pais e mães Separados/ Divorciados e Solteiros que coabitam apenas com filho(s) e pais e mães Recasados/ Nova união de facto que coabitam com cônjuge e filho(s)*, os *pais e mães em União de facto/ Casados e Solteiros que coabitam com cônjuge e filho(s)* percecionam um funcionamento mais equilibrado, uma perceção mais positiva sobre a comunicação, uma maior satisfação familiar, maior resiliência e maiores níveis de cooperação.

Este estudo permitiu ainda constatar que nas situações de separação/ divórcio, a cooperação apresenta valores mais reduzidos, e por isso menos frequente, enquanto que o conflito e a triangulação apresentam valores mais elevados e, por isso, mais frequente.

Importa ainda ter em consideração as especificidades contextuais de cada família e enquadrar os seus desafios e recursos num quadro mais alargado de funcionamento. Além disso, a parentalidade em situações de separação/ divórcio apresenta diferenças significativas daquela exercida conjuntamente na mesma casa, dado que, existem alterações na rotina, padrões relacionais, regras e papéis familiares. Neste sentido, será fundamental continuar a

investigar estas variáveis em diferentes contextos relacionais, como por exemplo, as famílias com diferentes regimes de residência, nomeadamente a alternada.

Verificaram-se algumas limitações no decorrer desta investigação. Uma das quais prende-se com a reduzida investigação existente acerca das variáveis estudadas o que dificultou a comparação e validação dos resultados obtidos neste estudo. Contudo, este aspeto realça a pertinência e importância deste trabalho e de futuras investigações nesta área.

Outra limitação sentida no decorrer desta investigação foi o reduzido número de respostas obtidas de pais e mães separados/ divorciados/ recasados, ou seja, famílias monoparentais e reconstituídas. O número de famílias nucleares alargadas foi igualmente reduzido, e como tal não permitindo fazer uma comparação ajustada entre todas as tipologias familiares, sendo que estas não foram analisadas neste trabalho. O número de pais foi também reduzido em relação ao número de mães.

A partir das contribuições e das limitações verificadas no decorrer deste trabalho surgem inúmeras direções e sugestões para pesquisas futuras. Entre elas, a inclusão de fatores que não foram contemplados nesta pesquisa, como a rede de suporte social dos pais e mães. Seria também pertinente realizar uma investigação focada nas famílias monoparentais de homens e mulheres, de modo a observar e analisar se os valores obtidos variam entre pais e mães. Outras variáveis que não foram aprofundadas neste estudo, apesar de terem sido recolhidos dados, podiam também ser analisadas, como por exemplo, o exercício das responsabilidades parentais e o tipo de divórcio. A possibilidade de cruzar a perspetiva de ambos os pais comparando as suas perceções sobre o funcionamento, resiliência familiar e coparentalidade seria também extremamente interessante, embora certamente mais difícil de concretizar.

No enquadramento teórico foi identificado que a separação/ divórcio dos pais pode ter impacto no bem-estar das crianças. No entanto, o objetivo deste estudo ia de encontro à perceção dos pais e mães e não das crianças em si. Fica também como sugestão para futuras investigações, analisar e perceber a resiliência das crianças no contexto de separação/ divórcio dos seus pais.

Além da contribuição científica desta investigação, podem resultar implicações clínicas relevantes para a intervenção sistémica com famílias que passam por divórcio. É bem presente neste estudo a importância de observar, estudar e desenvolver novas formas de olhar e intervir junto destas “novas” famílias em particular, atendendo às situações de crise e desafios com que se deparam, quer num sentido preventivo, quer na intervenção clínica com famílias desafiadas pelo divórcio e, conseqüente, parentalidade em duas casas. Programas de intervenção no

sentido da gestão e evitamento do conflito parental em contexto de divórcio podem ser respostas importantes a ter disponíveis de forma alargada, acessível a todos e precocemente. A direção da intervenção deverá ser no sentido da promoção de uma comunicação clara e não violenta entre todos os elementos e uma parentalidade consciente. Estes seriam pontos importantes a trabalhar com estas famílias de forma a proporcionar um funcionamento familiar mais saudável e satisfatório para todos uma vez que, comportamentos menos ajustados por parte dos pais e mães podem trazer consequências no desenvolvimento dos filhos (Pereira et al., 2016). Outro aspeto, relaciona-se com o facto de a resiliência e adaptação dos filhos ser facilitada pela coesão familiar e pela resiliência parental (Dias & Martins, 2012).

## Referências Bibliográficas

- Agostinho, A. (2009). *Filhos na escola e filhos adultos: A relação entre funcionamento familiar, parentalidade e resiliência* [Dissertação de mestrado]. Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa. <http://hdl.handle.net/10451/2195>
- Ahrons, C. (1994). *O bom divórcio. Como manter a família unida quando o casamento termina*. Objetiva.
- Alarcão, M. (2000). *(Des)Equilíbrios Familiares*. Quarteto.
- Alarcão, M. (2006). *(Des)Equilíbrios Familiares* (3.<sup>a</sup> ed.). Quarteto.
- Amato, P. R. (2000). The consequences of divorce for adults and children. *Journal of Marriage and Family*, 62(4), 1269–1287. <https://doi.org/fkjxsz>
- Amato, P. R. (2005). The impact of family formation change on the cognitive, social, and emotional well-being of the next generation. *The Future of Children*, 15(2), 75–96. <https://doi.org/cp93gt>
- Andrade, I. (2018). *A percepção do funcionamento familiar e saúde mental dos bombeiros* [Dissertação de mestrado]. Instituto Superior Miguel Torga. <http://repositorio.ismt.pt/handle/123456789/957>
- Baptista, I. (2001). Famílias e intervenção social. In L. F. Silva (Coord.), *Ação Social na área da família* (pp. 32-142). Lisboa: Universidade Aberta.
- Belsky, J., Crnic, K., & Gable, S. (1995). The determinants of coparenting in families with toddler boys: Spousal differences and daily hassles. *Child Development*, 66(3), 629. <https://doi.org/10.2307/1131939>
- Carter, B., & McGoldrick, M. (2001). *As mudanças no ciclo de vida familiar*. Artes Médicas.
- Carter, E., & McGoldrick, M. (1995). *As mudanças no ciclo da vida familiar: Uma estrutura para a terapia familiar*. Artes Médicas.
- Cerveira, C. M. (2015). *Percepção de funcionamento familiar nas diferentes configurações familiares* [Dissertação de mestrado]. Instituto Superior Miguel Torga. <https://bityli.com/RwgWZF>
- Cummings, M., Keller, P. S., & Davies, P. T. (2005). Towards a family process model of maternal and paternal depressive symptoms: Exploring multiple relations with child and family functioning. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 46(5), 479–489. <https://doi.org/b9kd37>
- Dâmaso, C. A. A. (2018). *Relação entre Resiliência e Fatores Sociodemográficos* [Dissertação de mestrado]. Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa. <https://repositorio.ul.pt/handle/10451/37892>

- Dias, I., & Martins, M. H. (2012). *Resiliência, coesão e adaptabilidade familiares após o divórcio: Um estudo sobre filhos e pais* [Dissertação de mestrado]. Universidade do Algarve. <https://core.ac.uk/download/pdf/95048972.pdf>
- Díaz, D. A., & Orozco, P. (2009). Relación entre la resiliencia y el funcionamiento familiar. *Psicología Iberoamericana*, 17(1), 5–14.
- Duis, S. S., Summers, M., & Summers, C. R. (1997). *Parent versus child stress in diverse family types: an ecological approach*. 17(1), 53–73. <https://doi.org/10.1177/027112149701700107>
- Erel, O., & Burman, B. (1995). Interrelatedness of marital relations and parent-child relations: A meta-analytic review. *Psychol Bulletin*, 118(1), 108–132. <https://doi.org/10.1037/0033-2909.118.1.108>
- Everri, M., Mancini, T., & Fruggeri, L. (2016). The role of rigidity in adaptive and maladaptive families assessed by FACES IV: The points of view of adolescents. *Journal of Child and Family Studies*, 25(10), 2987–2997. <https://doi.org/10.1007/s10826-016-0460-3>
- Falceto, O. G., Busnello, E. D., & Bozzetti, M. C. (2000). Validação de escalas diagnósticas do funcionamento familiar para utilização em serviços de atenção primária à saúde. *Revista Panamericana de Salud Pública*, 7(4). <https://doi.org/10.1590/S1020-49892000000400007>
- Feinberg, M. E. (2003). The internal structure and ecological context of coparenting: A framework for research and intervention. *Parenting*, 3(2), 95–131. <https://doi.org/ffhsdv>
- Fouché, P. (2008). The development and relevance of the Resiliency Model of Family Stress, Adjustment and Adaptation. *Acta Academica*, 40(1), 78–126.
- Gaspar, J. A. F., Stolberg, A. L., Macie, K. M., & Williams, L. J. (2008). Coparenting in intact and divorced families: Its impact on young adult adjustment. *Journal of Divorce & Remarriage*, 49(3–4), 272–290. <https://doi.org/10.1080/10502550802231924>
- Gomes, M. F. M., Pereira, M. V. C., & Ribeiro, E. J. (2016). Alienação parental: Quando pais e crianças necessitam de ajuda. *Millenium-Journal of Education, Technologies, and Health*, 50, 283–291.
- Gomes, M. I. M. (2010). *(Des)Complexificando os estilos parentais – com pais casados e pais divorciados/separados* [Dissertação de mestrado]. Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa]. <http://hdl.handle.net/10451/2499>



- Grzybowski, L. S. (2007). *Parentalidade em tempo de mudanças: Desvelando o envolvimento parental após o fim do casamento* [Dissertação de mestrado]. Faculdade de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.
- Haggerty, R., Sherrod, L., Rutter, M., & Garmezy, N. (1996). *Stress, Risk, and Resilience in Children and Adolescents: Processes, Mechanisms, and Interventions*. Cambridge University Press.
- Hawley, D. R., & DeHaan, L. (1996). Toward a definition of family resilience: Integrating life-span and family perspectives. *Family Process*, 35(3), 283–298. <https://doi.org/10.1111/j.1545-5300.1996.00283.x>
- Hetherington, E. M., & Kelly, J. (2002). *For better or for worse: Divorce reconsidered paperback*. Norton & Co.
- Hetherington, E. M., & Stanley-Hagan, M. (1999). The adjustment of children with divorced parents: A risk and resiliency perspective. *Perspective. Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 40, 129–140.
- Hoffman, L. (1985). Beyond power and control: Toward a «second order» family systems therapy. *Family Systems Medicine*, 3(4), 381–396. <https://doi.org/10.1037/h0089674>
- Holmes, T. H., & Rahe, R. H. (1967). The social readjustment rating scale. *Journal of Psychosomatic Research*, 11(2), 213–218. <https://doi.org/cw7wzk>
- Kelly, J. B., & Emery, R. E. (2003). Children's adjustment following divorce: Risk and resilience perspectives. *Family Relations*, 52(4), 352–362. <https://doi.org/bkxpx5>
- Instituto Nacional de Estatística. (2022). *Número de divórcios por 100 casamentos*. [shorturl.at/kmouZ](https://shorturl.at/kmouZ)
- Instituto Nacional de Estatística. (2020). *Taxa de divórcio bruto*. [shorturl.at/ADEJ9](https://shorturl.at/ADEJ9)
- Kim, H. Y. (2013). Statistical notes for clinical researchers: Assessing normal distribution (2) using skewness and kurtosis. *Restorative Dentistry & Endodontics*, 38(1), 52. <https://doi.org/10.5395/rde.2013.38.1.52>
- Lamela, D. (2009). Desenvolvimento após o divórcio como estratégia de crescimento humano. *Journal of Human Growth and Development*, 19(1), 114. <https://doi.org/10.7322/jhgd.19908>
- Lamela, D., Castro, M., & Figueiredo, B. (2010). Pais por inteiro: Avaliação preliminar da eficácia de uma intervenção em grupo para pais divorciados. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 23(2), 334–344. <https://doi.org/cc2bc2>

- Lamela, D., Figueiredo, B., & Bastos, A. (2010). Adaptação ao divórcio e relações coparentais: Contributos da teoria da vinculação. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 23(3), 562–574. <https://doi.org/b6qfng>
- Lamela, D., Figueiredo, B., Bastos, A., & Feinberg, M. (2015). Typologies of post-divorce coparenting and parental well-being, parenting quality and children's psychological adjustment. *Child Psychiatry & Human Development*, 47(5), 716–728. <https://doi.org/f836jk>
- Lansford, J. E. (2009). Parental divorce and children's adjustment. *Perspectives on Psychological Science*, 4(2), 140–152. <https://doi.org/dxvqkf>
- Laureano, R. (2022). *Teste de Hipóteses com o SPSS – O Meu Manual de Consulta Rápida* (3.<sup>a</sup> ed.). Edições Sílabo.
- Maccoby, E. E., Depner, C. E., & Mnookin, R. H. (1990). Coparenting in the second year after divorce. *Journal of Marriage and the Family*, 52(1), 141. <https://doi.org/10.2307/352846>
- Margolin, G., Gordis, E. B., & John, R. S. (2001). Coparenting: A link between marital conflict and parenting in two-parent families. *Journal of Family Psychology*, 15(1), 3–21. <https://doi.org/c2ftqx>
- Marques, C. M. (2013). *Coparentalidade e estilos parentais educativos em contexto rural e urbano* [Dissertação de mestrado]. Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa.
- Martins, A. I. R. (2010). *Impacto do divórcio parental no comportamento dos filhos. Fatores que contribuem para uma melhor adaptação. Implicações médico-legais* [Dissertação de mestrado]. Instituto de Ciências Biomédicas de Abel Salazar da Universidade do Porto.
- Martins, M. H. (2014). Resiliência familiar – Revisão teórica, conceitos emergentes e principais desafios. *Grupo de Estudos Interdisciplinares Giordano Bruno*. <https://doi.org/10.13140/2.1.4365.8245>
- Maynard, P. E., & Olson, D. H. (1987). Circumplex Model of Family Systems: A Treatment Tool in Family Counseling. *Journal of Counseling & Development*, 65(9), 502–504. <https://doi.org/10.1002/j.1556-6676.1987.tb00766.x>
- McIntosh, J. (2015). Enduring conflict in parental separation: Pathways of impact on child development. *Journal of Family Studies*, 9(1), 63–80. <https://doi.org/ftpjnb>
- Moura, O., & Matos, P. M. (2008). Vinculação aos pais, divórcio e conflito interparental em adolescentes. *Psicologia*, 22(1), 127–152. <https://doi.org/hf57>

- Neto, M. J. B. (2019). *Funcionamento familiar e conflito trabalho – Família estudo com enfermeiros, professores e outros profissionais* [Dissertação de mestrado]. Instituto Superior Miguel Torga. <https://bit.ly/3OMyXF4>
- Neves, S. (2015). *Funcionamento familiar e autoconceito do adolescente. Perceção de pais e filhos* [Dissertação de mestrado]. Instituto Superior Miguel Torga. [shorturl.at/glmu1](http://shorturl.at/glmu1)
- Nunes-Costa, R. A., Lamela, D. J. P. V., & Figueiredo, B. F. C. (2009). Psychosocial adjustment and physical health in children of divorce. *Jornal de Pediatria*, 85(5), 385–396. <https://doi.org/10.2223/JPED.1925>
- Olson, D. (2010). *FACES IV Manual*. Em *Life Innovations, Inc.* [shorturl.at/cesAZ](http://shorturl.at/cesAZ)
- Olson, D. (2011). *FACES IV and the circumplex model: Validation study*. *Journal of Marital and Family Therapy*, 37(1), 64–80. <https://doi.org/10.1111/j.1752-0606.2009.00175.x>
- Olson, D. H. (2000). Circumplex Model of Marital and Family Systems. *Journal of Family Therapy*, 22(2), 144–167. <https://doi.org/10.1111/1467-6427.00144>
- Olson, D. H., & Gorall, D. M. (2006). *FACES IV & the Circumplex Model*. <http://citeseerx.ist.psu.edu/viewdoc/download?doi=10.1.1.567.7299&rep=rep1&type=pdf>
- Olson, D. H., Sprenkle, D. H., & Russell, C. S. (1979). Circumplex Model of Marital and Family Systems: I. Cohesion and Adaptability Dimensions, Family Types, and Clinical Applications. *Family Process*, 18(1), 3–28. <https://doi.org/10.1111/j.1545-5300.1979.00003.x>
- Omar, A., Paris, L., Uribe Delgado, H., Silva Junior, S. H. A. da, & Souza, M. A. de. (2011). Un modelo explicativo de resiliencia en jovenes y adolescentes. *Psicologia em Estudo*, 16(2), 269–277. <https://doi.org/10.1590/S1413-73722011000200010>
- Orgilés, M., & Samper, M. a D. (2011). El impacto del divorcio en la calidad de vida de los niños de 8 a 12 años de edad en la provincia de Alicante. *Gaceta Sanitaria*, 25(6), 490–494. <https://doi.org/dn588d>
- Pallant, J. (2011). *SPSS survival manual: A step by step guide to data analysis using SPSS for Windows* (4.<sup>a</sup> ed.). Allen and Unwin.
- Patterson, J. M. (2002). Integrating family resilience and family stress theory. *Journal of Marriage and Family*, 64(2), 349–360. <https://doi.org/10.1111/j.1741-3737.2002.00349.x>
- Pedro, M. F., & Ribeiro, M. T. (2015). Adaptação portuguesa do questionário de coparentalidade: Análise fatorial confirmatória e estudos de validade e fiabilidade.

- Psicologia: Reflexão e Crítica*, 28(1), 116–125. <https://doi.org/10.1590/1678-7153.201528113>
- Pereira, A. I., Goes, A. R., & Barros, L. (2015). *Promoção da parentalidade positiva: Intervenções psicológicas com pais de crianças e adolescentes*. Coisas de Ler. <https://www.coisasdeler.pt/psicologia/261-promocao-da-parentalidade.html>
- Pereira, M., Fernandes, R., Mendes, F., & Martins, E. (2016). Coparentalidade e alienação parental numa amostra de mães/pais portugueses. *Revista de Psicologia da Criança e do Adolescente*, 7(1–2), 1–2. <https://doi.org/10.34628/851J-AK57>
- Pinheiro, D. P. N. (2004). A resiliência em discussão. *Psicologia em Estudo*, 9(1), 67–75. <https://doi.org/10.1590/S1413-73722004000100009>
- Pocinho, M. (2012). *Metodologia de Investigação E Comunicação do Conhecimento Científico*. Lidel.
- Ponciano, E. L. T., & Féres-Carneiro, T. (2017). Conjugalidade, parentalidade e separação: Repercussões no relacionamento pais e filhos(as). *Psicologia em Estudo*, 22(2), 277. <https://doi.org/10.4025/psicoestud.v22i2.32808>
- Quesada, C. (2003). *El concepto de resiliencia individual y familiar. Aplicaciones en la intervención social*. 12, 283–299.
- Rocchi, S., Ghidelli, C., Burro, R., Vitacca, M., Scalvini, S., Della Vedova, A. M., Roselli, G., Ramponi, J. P., & Bertolotti, G. (2017). The Walsh Family Resilience Questionnaire: The Italian version. *Neuropsychiatric Disease and Treatment*, 13, 2987–2999. <https://doi.org/10.2147/NDT.S147315>
- Rutter, M. (1987). Psychosocial resilience and protective mechanisms. *American Journal of Orthopsychiatry*, 316–331.
- Rutter, M. (2006). Implications of resilience concepts for scientific understanding. *Annals of the New York Academy of Sciences*, 1094(1), 1–12. <https://doi.org/10.1196/annals.1376.002>
- Rutter, M. (2012). Resilience as a dynamic concept. *Development and Psychopathology*, 24(2), 335–344. <https://doi.org/10.1017/S0954579412000028>
- Sequeira, J., Vicente, H. T., Daniel, F., Cerveira, C., Silva, M. I., Neves, S., Santo, H. E., & Guadalupe, S. (2021). Family Adaptability and Cohesion Evaluation Scale – Version IV (FACES IV): Validation study in the portuguese population. *Journal of Child and Family Studies*, 30(7), 1650–1663. <https://doi.org/10.1007/s10826-021-01941-3>

- Shek, D. T. L., Xie, Q., & Lin, L. (2015). The impact of family intactness on family functioning, parental control, and parental – child relational qualities in a chinese context. *frontiers in pediatrics*, 2(147). <https://doi.org/10.3389/fped.2014.00149>
- Silva, L. D. L., Chapadeiro, C. A., & Silva, L. M. (2020). A construção da parentalidade após a dissolução conjugal e as oficinas de parentalidade. *Nova Perspetiva Sistémica*, 29(66), 87–100. <https://doi.org/10.38034/nps.v29i66.519>
- Silva, M. C. (2015). *Validação da FACES-IV - O funcionamento da família em diferentes etapas do ciclo vital* [Dissertação de mestrado]. Instituto Superior Miguel Torga. <http://repositorio.ismt.pt/handle/123456789/593>
- Sousa, V. D., Driessnack, M., & Mendes, I. A. C. (2007). An overview of research designs relevant to nursing: Part 1: quantitative research designs. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, 15(3), 502–507. <https://doi.org/10.1590/S0104-11692007000300022>
- Walsh, F. (1998). *Strengthening Family Resilience* (1.<sup>a</sup> ed.). Guilford Press.
- Walsh, F. (2003). Family resilience: A framework for clinical practice. *Family Process*, 42(1), 1–18. <https://doi.org/10.1111/j.1545-5300.2003.00001.x>
- Walsh, F. (2005). *Fortalecendo a Resiliência Familiar*. Roca.
- Walsh, F. (2006). *Strengthening family resilience* (2.<sup>a</sup> ed.). The Guilford Press.
- Walsh, F. (2007). Traumatic loss and major disasters: Strengthening family and community resilience. *Family Process*, 46(2), 207–227. <https://doi.org/10.1111/j.1545-5300.2007.00205.x>
- Walsh, F. (2016). Family resilience: A developmental systems framework. *European Journal of Developmental Psychology*, 13(3), 313–324. <https://doi.org/10.1080/17405629.2016.1154035>
- Wang, H., & Amato, P. R. (2000). Predictors of divorce adjustment: Stressors, resources, and definitions. *Journal of Marriage and Family*, 62(3), 655–668. <https://doi.org/10.1111/j.1741-3737.2000.00655.x>

## **APÊNDICES**

**Apêndice A - Subescalas equilibradas da FACES-IV ( $N = 347$ )**

<b>Subescalas</b>	<b>Nível</b>	<b>n (%)</b>	<b>M</b>	<b>DP</b>	<b>Intervalo</b>
<b>Coesão equilibrada</b>	Algo coesa [10-30]	32 (9,2%)	29,41	3,98	9 – 35
	Coesa [35-60]	96 (27,7%)			
	Muito coesa [65-99]	<b>219 (63,1%)</b>			
<b>Flexibilidade equilibrada</b>	Algo flexível [10-20]	5 (1,4%)	27,79	3,88	8 – 35
	Flexível [25-60]	77 (22,2%)			
	Muito flexível [65-99]	<b>265 (76,4%)</b>			

*Nota.* N = amostra total; n = nº de participantes; % = percentagem de participantes; M = Média; DP = Desvio Padrão



**Apêndice B** - Subescalas desequilibradas da FACES-IV ( $N = 347$ )

<b>Subescalas</b>	<b>Nível</b>	<b>n (%)</b>	<b>M</b>	<b>DP</b>	<b>Intervalo</b>
<b>Desmembrada</b>	Muito baixo [10-26]	<b>275 (79,3%)</b>	13,84	4,13	7 – 32
	Baixo [30-40]	54 (15,6%)			
	Moderado [45-60]	13 (3,7%)			
	Alto [64-75]	3 (0,9%)			
	Muito alto [80-99]	2 (0,2%)			
<b>Emaranhada</b>	Muito baixo [10-26]	54 (15,6%)	19,33	2,97	7 – 29
	Baixo [30-40]	<b>217 (62,5%)</b>			
	Moderado [45-60]	71 (20,5%)			
	Alto [64-75]	5 (1,4%)			
<b>Rígida</b>	Muito baixo [10-26]	78 (22,5%)	19,70	3,71	10 – 31
	Baixo [30-40]	<b>150 (43,2%)</b>			
	Moderado [45-60]	102 (29,4%)			
	Alto [64-75]	16 (4,6%)			
	Muito alto [80-99]	1 (0,3%)			
<b>Caótica</b>	Muito baixo [10-26]	<b>260 (74,9%)</b>	14,60	3,77	7 – 28
	Baixo [30-40]	72 (20,7%)			
	Moderado [45-60]	10 (2,9%)			
	Alto [64-75]	5 (1,4%)			

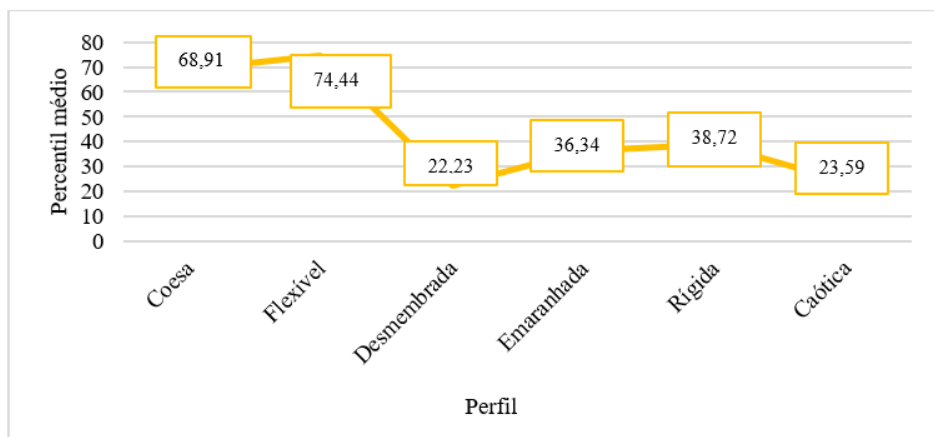
*Nota.* N = amostra total; n = n° de participantes; % = percentagem de participantes; M = Média; DP = Desvio Padrão

**Apêndice C - Subescalas da comunicação e satisfação da FACES-IV ( $N = 347$ )**

Subescalas	Nível	<i>n</i> (%)	<i>M</i>	<i>DP</i>	Intervalo
<b>Comunicação</b>	Muito baixo [10-20]	22 (6,3%)	39,34	6,29	15 – 50
	Baixo [21-35]	18 (5,2%)			
	Moderado [36-60]	66 (19,0%)			
	<b>Alto [61-85]</b>	<b>154 (44,4%)</b>			
	Muito alto [86-99]	87 (25,1%)			
<b>Satisfação</b>	Muito baixo [10-20]	59 (17,0%)	36,15	7,88	10 – 50
	<b>Baixo [21-35]</b>	<b>90 (25,9%)</b>			
	Moderado [36-60]	72 (20,7%)			
	Alto [61-85]	80 (23,1%)			
	Muito alto [86-99]	46 (13,3%)			

*Nota.* *N* = amostra total; *n* = nº de participantes; % = percentagem de participantes; *M* = Média; *DP* = Desvio Padrão

**Apêndice D** – Perfil dos participantes: resultados das subescalas da FACES-IV ( $N = 347$ )



**Apêndice E – Subescalas equilibradas e desequilibradas da FACES-IV e etapa do ciclo vital**  
(N = 347)

FACES-IV												
Etapa do ciclo vital	Subescalas equilibradas						Subescalas desequilibradas					
	Coesão		Flexibilidade		Desmembrada		Emaranhada		Rígida		Caótica	
	M	DP	M	DP	M	DP	M	DP	M	DP	M	DP
<b>Família com filhos pequenos</b> (n = 76)	<b>30,07</b>	3,56	<b>27,95</b>	3,64	13,13	3,78	19,24	3,01	18,87	3,80	14,46	3,19
<b>Família com filhos na escola</b> (n = 87)	29,41	4,79	27,80	4,55	13,51	4,73	<b>19,61</b>	3,51	20,15	3,11	14,43	3,60
<b>Família com filhos adolescentes</b> (n = 103)	28,93	4,04	27,54	3,92	14,24	4,03	19,44	2,78	<b>20,19</b>	3,94	<b>15,14</b>	4,41
<b>Família com filhos adultos</b> (n = 81)	29,39	3,25	27,94	3,26	<b>14,37</b>	3,81	18,99	2,51	19,38	3,81	14,25	3,58
<b>F</b>	1,184 <sup>NS</sup>		0,219 <sup>NS</sup>		1,719 <sup>NS</sup>		0,683 <sup>NS</sup>		2,538 <sup>NS</sup>		1,024 <sup>NS</sup>	
<b>Comparação múltipla de médias de ordens</b>	1vs2	-	1vs2	-	1vs2	-	1vs2	-	1vs2	-	1vs2	-
	1vs3	-	1vs3	-	1vs3	-	1vs3	-	1vs3	-	1vs3	-
	1vs4	-	1vs4	-	1vs4	-	1vs4	-	1vs4	-	1vs4	-
	2vs3	-	2vs3	-	2vs3	-	2vs3	-	2vs3	-	2vs3	-
	2vs4	-	2vs4	-	2vs4	-	2vs4	-	2vs4	-	2vs4	-
	3vs4	-	3vs4	-	3vs4	-	3vs4	-	3vs4	-	3vs4	-

Nota. N = amostra total; n = nº de participantes; M = Média; DP = Desvio Padrão; F = ANOVA; FACES-IV = Escala de Avaliação da Adaptabilidade e da Coesão Familiar versão IV; 1 = Família com filhos pequenos; 2 = Família com filhos na escola; 3 = Família com filhos adolescentes; 4 = Família com filhos adultos; \* p < 0,05; \*\* p < 0,01; \*\*\*p < 0,001; NS = Não significativo



**Apêndice F** – Subescalas da comunicação e satisfação da FACES-IV e etapa do ciclo vital  
(N = 347)

Etapa do ciclo vital	FACES-IV			
	Comunicação		Satisfação	
	M	DP	M	DP
Família com filhos pequenos ( <i>n</i> = 76)	39,12	5,71	<b>36,93</b>	6,92
Família com filhos na escola ( <i>n</i> = 87)	39,55	7,03	36,23	8,79
Família com filhos adolescentes ( <i>n</i> = 103)	38,62	6,79	35,57	8,08
Família com filhos adultos ( <i>n</i> = 81)	<b>40,22</b>	5,25	36,06	7,49
<i>F</i>	1,041 <sup>NS</sup>		0,439 <sup>NS</sup>	
Comparação múltipla de média de ordens	1vs2	-	1vs2	-
	1vs3	-	1vs3	-
	1vs4	-	1vs4	-
	2vs3	-	2vs3	-
	2vs4	-	2vs4	-
	3vs4	-	3vs4	-

*Nota.* *N* = amostra total; *n* = nº de participantes; *M* = Média; *DP* = Desvio Padrão; *F* = ANOVA; FACES-IV = Escala de Avaliação da Adaptabilidade e da Coesão Familiar versão IV; 1 = Família com filhos pequenos; 2 = Família com filhos na escola; 3 = Família com filhos adolescentes; 4 = Família com filhos adultos; \* *p* < 0,05; \*\* *p* < 0,01; \*\*\**p* < 0,001; <sup>NS</sup> = Não significativo

**Apêndice G – Dimensões da WFRQ e etapa do ciclo vital (N = 347)**

Etapa do ciclo vital	WFRQ					
	Sistemas de Crenças		Padrões Organizacionais		Comunicação e Resolução de Problemas	
	M	DP	M	DP	M	DP
<b>Família com filhos pequenos</b> (n = 76)	<b>66,49</b>	10,23	39,59	6,35	<b>22,79</b>	4,54
<b>Família com filhos na escola</b> (n = 87)	63,55	12,70	38,57	8,26	21,95	4,35
<b>Família com filhos adolescentes</b> (n = 103)	64,16	11,79	39,12	7,66	21,13	4,93
<b>Família com filhos adultos</b> (n = 81)	65,69	9,26	<b>39,85</b>	5,96	21,37	4,52
<b>F</b>	1,222 <sup>NS</sup>		0,515 <sup>NS</sup>		2,158 <sup>NS</sup>	
<b>Comparação múltipla de média de ordens</b>	1vs2	-	1vs2	-	1vs2	-
	1vs3	-	1vs3	-	1vs3	-
	1vs4	-	1vs4	-	1vs4	-
	2vs3	-	2vs3	-	2vs3	-
	2vs4	-	2vs4	-	2vs4	-
	3vs4	-	3vs4	-	3vs4	-

Nota. N = amostra total; n = n° de participantes; M = Média; DP = Desvio Padrão; F = ANOVA; WFRQ = *Questionário de Resiliência Familiar de Walsh*; 1 = Família com filhos pequenos; 2 = Família com filhos na escola; 3 = Família com filhos adolescentes; 4 = Família com filhos adultos; \* p < 0,05; \*\* p < 0,01; \*\*\*p < 0,001; <sup>NS</sup> = Não significativo

**Apêndice H** – Dimensões da Coparentalidade e etapa do ciclo vital (N = 347)

Etapa do ciclo vital	QC					
	Cooperação		Triangulação		Conflito	
	M	DP	M	DP	M	DP
<b>Família com filhos pequenos</b> (n = 76)	<b>21,76</b>	4,48	5,09	2,28	9,54	3,69
<b>Família com filhos na escola</b> (n = 87)	19,55	5,43	<b>6,55</b>	4,29	<b>11,11</b>	4,73
<b>Família com filhos adolescentes</b> (n = 103)	18,65	5,85	6,25	3,71	10,33	4,64
<b>Família com filhos adultos</b> (n = 81)	18,43	5,74	6,11	3,75	10,06	4,33
<i>F</i>	<b>6,256***</b>		2,436 <sup>NS</sup>		1,831 <sup>NS</sup>	
<b>Comparação múltipla de média de ordens</b>	<b>1vs2</b>	*				
	<b>1vs3</b>	***				
	<b>1vs4</b>	***				
	2vs3	-				
	2vs4	-				
	3vs4	-				

Nota. N = amostra total; n = nº de participantes; M = Média; DP = Desvio Padrão; F = ANOVA; QC = *Questionário da Coparentalidade*; 1 = Família com filhos pequenos; 2 = Família com filhos na escola; 3 = Família com filhos adolescentes; 4 = Família com filhos adultos; \* p < 0,05; \*\* p < 0,01; \*\*\*p < 0,001; <sup>NS</sup> = Não Significativo